

DAS LAVADEIRAS AO MADALENA BAR

os 100 anos da Avenida Hercílio Luz e o território em disputa na área central de Florianópolis



A historical map of Florianópolis, Brazil, showing the city's layout and surrounding terrain. The map includes a compass rose and a scale bar at the bottom left. The title 'SUMÁRIO' is overlaid on the map.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

- 1.1. Motivação e justificativa
- 1.2. Objetivos e metodologia

2. AVENIDA HERCÍLIO LUZ NA EVOLUÇÃO DO CENTRO FUNDACIONAL DE FLORIANÓPOLIS: DA CHEGADA DOS AÇORIANOS AOS ANOS 1980

- 2.1. Do início dos assentamentos ao fim do século XIX
- 2.2. Os princípios do século XX: discursos oficiais, marginalização e higienização
- 2.3. Do Período Vargas até 1980: os fluxos de investimento estatal

3. PRIMEIRO ATO: A AVENIDA DO SANEAMENTO E A EXPULSÃO DO POVO POBRE, DO BOULEVARD À FRANCESA AO INÍCIO DO SÉCULO XXI

- 3.1. Os anos 1920 e a Avenida do Saneamento
- 3.2. Alguns planos diretores e seus impactos na Avenida Hercílio Luz

4. SEGUNDO ATO: A HIGIENIZAÇÃO SOCIAL NOS ANOS RECENTES, CONFLITOS DE USO E APROPRIAÇÃO POPULAR

- 4.1. Usos, usuários e conflitos pré-pandemia
- 4.2. Usos, usuários e conflitos pós-pandemia

5. CONCLUSÃO

6. REFERÊNCIAS



1. INTRODUÇÃO

1.1. MOTIVAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Como natural de Florianópolis, a Avenida Hercílio Luz sempre me chamou atenção, despertando interesse por essa via. Quando criança, sua vegetação e a circulação de pessoas em seu calçadão à noite me encantavam. Na minha adolescência, as áreas de permanência e o ambiente calmo eram um convite para usufruir do espaço. Quando adulta, passei a frequentar a avenida à noite, nos bares da região. Neste período, já cursando a faculdade de Arquitetura e Urbanismo, buscava compreender quais fatores levaram à construção de uma avenida tão distinta do restante da malha urbana florianopolitana. Durante a busca ficou evidente que a área estudada não se destaca somente por seu traçado único e pelo canteiro central arborizado, mas também pelas disputas travadas pelo território, desde sua fundação até os dias de hoje.

A análise da construção da Avenida Hercílio Luz permite uma reflexão maior sobre o ofício de arquiteta e urbanista. Isso pois, através deste marco na história de Florianópolis, é possível compreender que projeto e obra são apenas parte da intervenção urbana, e não a intervenção como um todo.

Antes da alteração física de um local, pode haver uma construção de narrativas para justificar a intervenção, gerando disputas socioespaciais com a população que já ocupava o local. Após a conclusão das obras, criam-se ali outras relações socioespaciais, com outros sujeitos habitando este espaço, se completando dessa forma o ciclo da intervenção. Sendo assim, com este estudo foi possível aprofundar a compreensão dos impactos que o trabalho de arquiteto e urbanista gera, em diferentes âmbitos e escalas.

Na história da Avenida Hercílio Luz, foi possível identificar dois destes ciclos de intervenção. O primeiro ocorreu no período da construção da avenida, quando a população pobre que lá morava foi expulsa, dando espaço para a elite florianopolitana. O segundo ciclo teve início em 2019 e perdura até hoje, onde a disputa socioespacial se dá por conta da ocupação noturna da avenida e seu entorno. Em ambos os ciclos, foi percebida a construção de narrativas pela classe dominante através da mídia, para disseminar seus ideais para o território e conseguir concretizá-los.

Portanto, neste trabalho busco analisar os processos históricos que conformaram a Avenida Hercílio Luz como a conhecemos hoje, e como se dão as disputas socioespaciais pelo território até a atualidade, sendo esse o questionamento que guia o desenvolvimento do trabalho.

1.2. OBJETIVOS E METODOLOGIA

Neste trabalho, pesquisou-se a organização do centro fundacional de Florianópolis, desde sua fundação. Com isso, buscava-se explorar a história socio-urbanística dos territórios próximos ao Rio da Fonte Grande (atual Rio da Bulha), quais os discursos que motivaram a canalização deste rio, e quais os conflitos sociais presentes na região. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como a Avenida Hercílio Luz se configura historicamente como um território em disputa no centro cidade de Florianópolis.

Já como objetivos específicos, busco compreender as diferentes vivências da Avenida Hercílio Luz desde o início do século XX e os discursos dominantes que embasam as expulsões de populações socialmente oprimidas do local. Além disso, procuro compreender os diferentes públicos que frequentam a área nos anos mais recentes, desde a década de 2010, e as diferenças de ocupação e de repressão policial antes e depois da pandemia.

Caracterizo a pesquisa como um estudo de caso único, analítico e qualitativo. O trabalho foi elaborado através de revisão bibliográfica, coleta de relatos, análise de matérias jornalísticas, mapeamentos e entrevistas semiestruturadas.

Segundo Almeida (2016), o estudo de caso é uma investigação, com variáveis distintas e interconectadas, que busca analisar cenários complexos através da aplicação de diversas técnicas e conhecimentos, e depende da existência de um caso adequado para se tornar uma averiguação científica.

Defino o trabalho como um estudo de caso único (ALMEIDA, 2016, p.65), pelo objetivo de estudar especificamente a Avenida Hercílio Luz. Aplico conhecimentos diversos ao contexto urbano local, a diferença de vivências urbanas entre pessoas com identidade subjetiva distintas, a construção discursiva em torno das renovações urbanas, entre outros.

É um estudo analítico (ALMEIDA, 2016, p.65) pois busca compreender e problematizar não somente a ocupação urbana, mas também compreender os indivíduos, sua relação com o espaço público, os agentes urbanos e as ações

do poder público sobre o espaço estudado.

Aplico neste estudo metodologias qualitativas, como análise de matérias jornalísticas, entrevistas semi-estruturadas e visitas de campo para compreender os temas abordados ao longo do TCC.

No capítulo 2, de título “Avenida Hercílio Luz na evolução do centro fundacional de Florianópolis: da chegada dos açorianos aos anos 1980”, investigo o papel do Rio da Bulha e da Avenida Hercílio Luz na ocupação e urbanização da cidade, desde a vinda dos açorianos até os anos 1980.

No capítulo 3, de título “Primeiro ato: a Avenida do Saneamento e a expulsão do povo pobre, do boulevard à francesa ao início do século XXI”, me aprofundo na análise da Avenida Hercílio Luz, buscando entender o contexto histórico no qual a avenida foi construída, as disputas socioespaciais travadas na época e sua mudança de papel com o passar dos anos.

No capítulo 4, de título “Segundo ato: a higienização social nos anos recentes, conflitos de uso a apropriação popular”, investigo as disputas socioespaciais que ocorrem na atualidade, e as narrativas criadas para direcionar as intervenções no local.

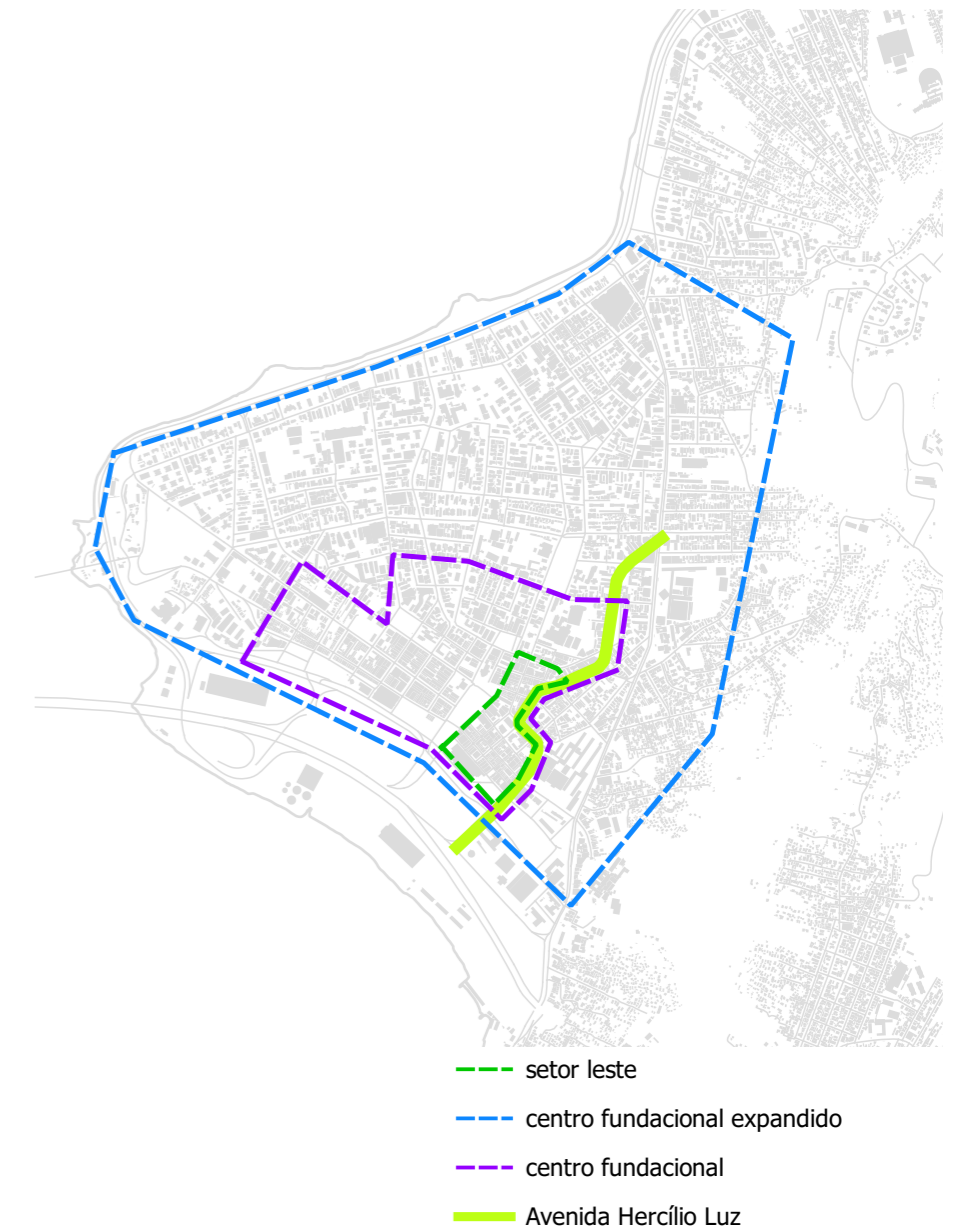
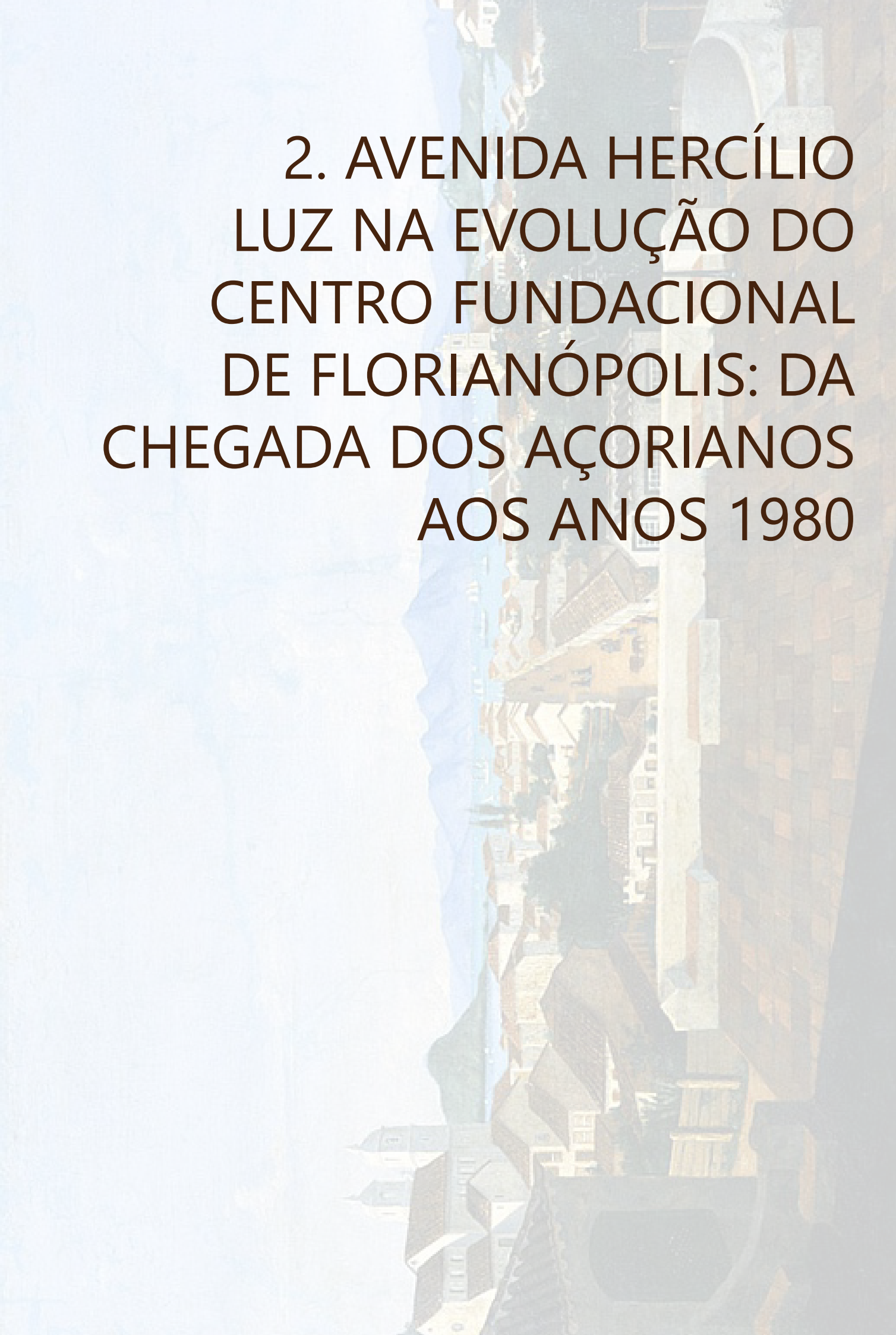


Figura 01: Demarcação das áreas citadas no texto. Elaborado pela autora.



2. AVENIDA HERCÍLIO LUZ NA EVOLUÇÃO DO CENTRO FUNDACIONAL DE FLORIANÓPOLIS: DA CHEGADA DOS AÇORIANOS AOS ANOS 1980

Neste capítulo, será abordada a história urbana de Florianópolis, desde o início dos assentamentos açorianos no território até o fim do século XX. Dentro desse recorte temporal, buscava-se analisar o papel do Rio da Bulha e posteriormente da Avenida Hercílio Luz no processo de urbanização da cidade. Com isso, foram encontrados três períodos de maior relevância: o início da ocupação do território de Desterro, a construção da Avenida Hercílio Luz no início do século XX, e os anos 1980, quando ocorrem as últimas grandes intervenções estatais na área de estudo.

2.1 DO INÍCIO DOS ASSENTAMENTOS AO FIM DO SÉCULO XIX

A ocupação do território da Colônia do Desterro se tornou expressiva com a chegada de imigrantes açorianos em 1750, recebidos pelo governador da Capitania de Santa Catarina, José da Silva Paes. Dentre outras freguesias, os imigrantes se assentaram em torno da capela de Nossa Senhora do Desterro, erguida pelo bandeirante paulista Francisco Dias Velho em 1678, e se assentaram no território seguindo a conformação urbana tradicional das vilas luso-brasileira (VEIGA, 2010). Neste tipo de ocupação, a igreja se assenta em um ponto focal, mais elevado que seu entorno; a sua frente, a terra comunal que constitui a praça é o núcleo da cidade, e entorno dela são construídas edificações de cunho oficial. A partir desse núcleo urbano partem as ruas, seguindo um traçado relativamente regular, onde são construídas residências. Em cidades litorâneas, como é o caso de Florianópolis, esta praça sempre fica próxima do mar. As vias se iniciam na praça e se estendem por todo o território ocupado, sempre pelos trechos mais baixos do relevo.

No caso do centro histórico de Florianópolis, esta porção do território foi escolhida para ser povoado muito por conta da geografia do local. As baías eram propícias para a construção de portos, essenciais para a conexão com a metrópole portuguesa e as outras partes da colônia. A topografia também foi relevante nessa escolha, pois a capela de Nossa Senhora do Desterro foi construída em uma planície cercada de morros, que formam uma barreira natural contra invasões e ataques. Além disso, a área é cortada por um riacho e alguns córregos, garantindo o fácil acesso a água potável.

Um destes cursos d'água nascia próximo à rua das Olarias, atual avenida Mauro Ramos, e desaguava na baía Sul, com o Morro da Cruz elevando-se a leste, como é possível conferir no mapa a seguir. Ao longo do percurso, riachos menores desembocavam neste córrego, aumentando seu volume. Na época da fundação de Desterro, ficou conhecido como rio da Fonte Grande, depois como rio da Fonte Velha e por fim como rio da Bulha. Este rio era uma importante fonte de água potável para a população, e influenciou na forma que o território foi ocupado. As construções se concentravam no entorno do largo da Matriz, onde ficavam as primeiras edificações estatais e casas de alvenaria, indo em direção ao leste e as fontes d'água lá presentes, incluindo o rio da Fonte Grande. No mapa elaborado por José Custódio Sá e Faria entre 1754 e 1770, o autor demarca a localização das primeiras construções deste princípio de centro urbano. Neste levantamento, foi demarcada uma ponte sobre o



Figura 02: "Plano da villa de N. S. do Desterro da Ilha de S. Catherina". Elaborado por José Custódio Sá e Faria. Fonte: Veiga, 2010.

rio da Fonte Grande, muito provavelmente sendo a ponte do Vinagre.

No fim do século XVIII já existiam algumas partes do território com ocupação bem definida, iniciando a formação dos primeiros bairros. Mesmo sendo o início de uma ocupação mais definitiva da atual área central de Florianópolis, já havia uma divisão social nas áreas ocupadas. Próximo ao largo da Matriz, junto das edificações oficiais ficavam as casas de pessoas com maior poder aquisitivo, construídas em alvenaria. Ao Leste foram locadas edificações de pouco prestígio, como depósitos, um hospício (sic) dirigido pelos padres jesuítas e um curtume, que indicam a desvalorização da área, e conseqüentemente que os moradores desta região não eram pessoas de grande poder aquisitivo (VEIGA, 2010). Segundo o relato feito pelo viajante Don Pernetty no ano de 1763, pessoas brancas e pessoas negras habitavam diferentes porções do território (BERGER, s.d.).



Figura 04: "Vista da Cidade do Desterro (1785)". Fonte: Veiga, 2010.

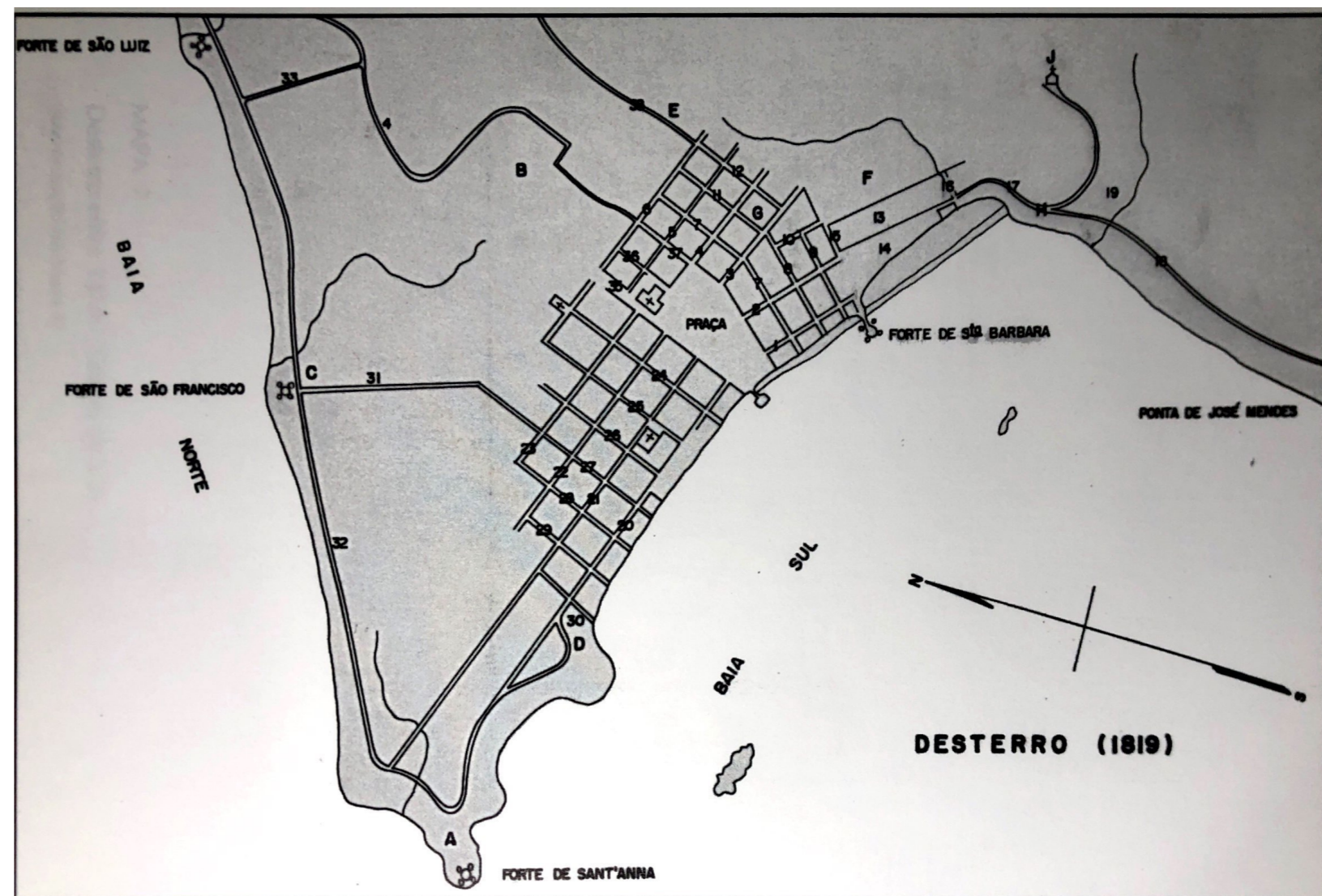


Figura 03: "Desterro em 1819". Fonte: Veiga, 2010.

O século XIX foi marcado pelo crescimento progressivo de Desterro, tanto no aumento da área do território ocupada quanto no número de habitantes. Este século também foi marcado pelas renovações do centro urbano, como a pavimentação de suas principais ruas, renovação do casario, medidas de saneamento, e implementação da rede de iluminação pública e de transporte coletivo a tração animal. Ainda, houve outras obras importantes para a dinâmica da cidade, como as melhorias do porto, e a construção do Mercado Público Municipal (1851) e do Teatro Santa Isabel (1857), rebatizado como Teatro Álvaro de Carvalho em 1894.

Em 1808, o viajante Golovnin visitou a região central de Florianópolis, e no seu relato escreveu que a área tinha entre 400 e 500 casas. A gravura abaixo, feita por Fischer em 1819, também é uma interessante fonte para analisarmos a urbanização do centro de Desterro.



Figura 05: "Vista da Cidade do Desterro (1919)". Fonte: Veiga, 2010.

Em primeiro plano, vemos o rio da Fonte Grande desembocando no mar, e a ponte do Vinagre ligando suas margens, seguido da ilhota do Forte de Santa Bárbara e de um trapiche. É possível notar o aumento da densidade de ocupação do solo, em comparação a Foto 03, e que a maior parte das edificações se concentram entre a ponte do Vinagre e a Matriz, em segundo plano na gravura. Nesta área adensada, também é possível ver duas ruas bem delimitadas, anteriormente chamadas de rua Augusta e da Cadeira, que atualmente chamamos de João Pinto e Tiradentes.

O território ao leste do rio da Fonte Grande tinha menos edificações que o território a oeste do rio, que foi possível conferir na gravura anterior. Havia três ruas principais: a do Vinagre, que compõem parte da atual Bulcão Viana, e as ruas Menino Deus e São Martinho, que mantém o nome até hoje. Além das ruas havia o beco do Quartel e o beco Sujo, e este último foi demolido para a construção da Avenida Hercílio Luz.

Em 1822 outro viajante visitou Desterro e escreveu um relato. Duperrey registrou que a cidade tinha por volta de 6.000 "almas" e 600 casas, com "ruas direitas", e apenas as ruas que se direcionavam ao mar eram pavimentadas. Em 1832, foram contados 29 quarteirões dentro dos limites do centro urbano, e a população era estimada em 5.000 pessoas, contando com as tropas militares aqui alocadas (VEIGA, 2010). Pelos relatos anteriores, o número de habitantes parece ter diminuído entre os anos de 1822 e 1832. Mas, como esses registros não eram oficiais, e sim feitos por viajantes, devemos usá-los como parâmetro do crescimento de Desterro em geral, sem nos atermos a exatidão dos números.

Nos primeiros 50 anos do século XIX, o centro da cidade passou por inúmeras mudanças e se consolidou como núcleo principal de Desterro. Apesar disso, a localidade ainda ares de vilarejo provinciano. A visita do Imperador e da Imperatriz do Brasil em 1845 incentivou o início de obras de embelezamento na capital da província, para dar a ela aspecto de limpeza e novidade. Uma das obras feitas para essa ocasião foi a pavimentação da primeira rua da província, na Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades da Praia Comprida, atual Santo Antônio de Lisboa. Neste cenário, destacam-se as mudanças na região da Praça XV de Novembro. Para ilustrar, comparemos as duas imagens a seguir. Primeiro, a gravura de Tilesius Von Tilenau de 1803 (Figura 06) retratava uma paisagem erma, com edificações simples, em sua maioria térreas, sem grandes ornamentações, e sem paisagismo na área da praça. Já na aquarela pintada por Victor Meirelles (Figura 07), de 1846, retratava-se uma localidade muito mais consolidada. Do lado oeste das atual Praça XV de Novembro, estavam grandes casarios que abrigavam as famílias mais abastadas de Desterro, den-

tre estas o Palácio do Governo (atual Palácio Cruz e Sousa). Na Catedral e em algumas das residências já se observavam algumas ornamentações, frutos do embelezamento motivado pela modernização. Além disso, introduzia-se certo grau de paisagismo, com caminhos demarcados na terra comunal, canteiros de flores em frente à igreja e palmeiras circundando a praça. Mais afastada da praça, também se observa as torres de um novo templo, a Igreja de São Francisco, construída em etapas ao longo do século XIX.

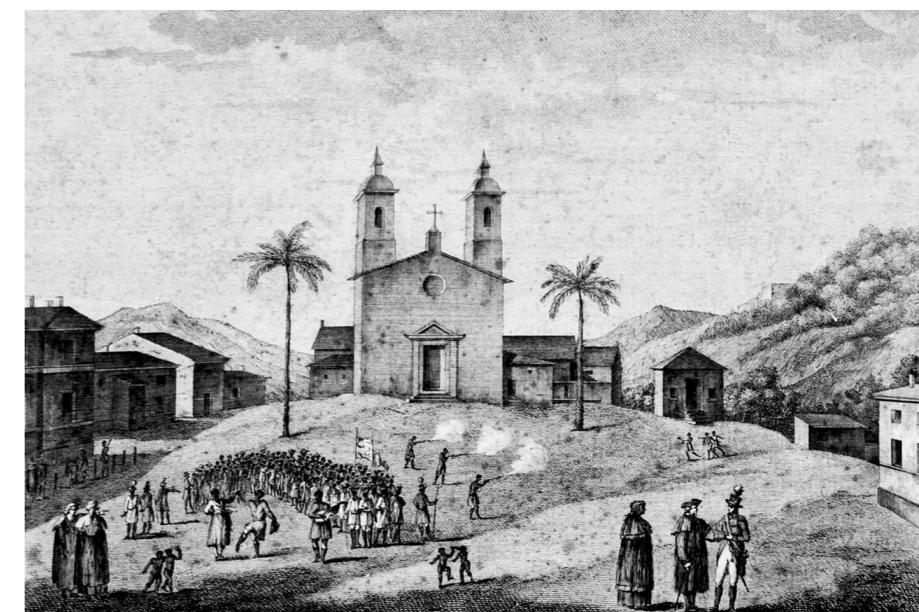


Figura 06: "Gravura de Tilesius Von Tilenau de 1803, intitulada Festa de negros na Ilha de Santa Catarina". Fonte: Acervo da Fundação Cultural BADESC.



Figura 07: "Aquarela Vista Parcial da Cidade de Nossa Senhora do Desterro, Victor Meirelles, 1846.". Fonte: Acervo Museu Victor Meirelles.

No ano de 1866, Desterro tinha 41 quarteirões e 852 edificações residenciais, além das edificações de propriedade pública. Em uma estatística de 1871, foram registradas 1.542 edificações, sendo 151 delas sobrados e 31 delas “assobradadas”. O surgimento dos sobrados na malha urbana nos revela a prosperidade financeira de alguns cidadãos desterrenses, devido ao maior custo para a construção destas edificações de dois pavimentos.

Em seu livro Florianópolis: Memória Urbana, a arquiteta e urbanista Eliane Veras da Veiga (2010) explica que nesta época já havia uma setorização de função na ocupação do solo. Na rua do Príncipe (atual Conselheiro Mafra), a oeste do largo da Matriz, se concentrava o comércio varejista, com lojas, armazéns, farmácias, entre outros. Já ao leste da praça, na rua Augusta (atual João Pinto), ficava o comércio voltado para fins “pesados”, como de ferragens e artigos náuticos. Além deste tipo de comércio, havia edificações residenciais humildes e cortiços espalhados ao leste do largo da Matriz, pela área que compunha os bairros da Figueira, da Pedreira, da Toca e da Tronqueira, todos margeados pelo rio da Fonte Grande. Esta diferença de função de ocupação do solo, onde o oeste da praça tinha comércio varejista e o leste da praça tinha comércio pesado e habitações populares, trazia uma diferença de usuários para as regiões. A área a oeste da praça atraía pessoas mais abastadas, que podiam pagar pelos produtos vendidos na principal área de comércio da cidade, enquanto o lado leste atraía trabalhadores do porto, da construção civil, e os moradores da área, pessoas de menor renda.

No ano de 1877, o presidente da Província de Santa Catarina, D’Escagnolle Taunay, ordenou a execução de um levantamento topográfico da área urbana da capital. Este mapa, que podemos conferir a seguir, contém a representação das áreas edificadas e sujeitas a décima urbana de Desterro, que eram a freguesia de Nossa Senhora do Desterro (atualmente a área central de Florianópolis) e a freguesia de São Sebastião da Praia de Fora (atual Beira-mar Norte).



Figura 08: “Planta Topográfica da Cidade do Desterro” Fonte: Veiga, 2010.

Neste registro, podemos observar uma expansão do núcleo urbano, com o aumento da quantidade de ruas, em comparação com o mapa 06. Parte desta expansão ocorreu pela divisão de chácaras em propriedades menores, o que, além de aumentar o número de edificações naquela área, também permitia a expansão das ruas existentes. Ainda em 1876, a população de Desterro manteve o crescimento constante, chegando ao número de 8.608 habitantes (-VEIGA, 2010). As ruas Mauro Ramos e General Bittencourt já existiam, se mantendo sem alterações até os dias de hoje. Ambas as ruas conectam porções do território muito semelhante ao da Avenida Hercílio Luz, construída posteriormente, o que nos leva a supor que a construção desta avenida não tinha como intuito apenas a ligação de duas áreas da cidade.

No ano de 1889 houve a Proclamação da República do Brasil, evento de escala nacional que teve grande influência

no desenvolvimento do nosso recorte de análise. Segundo a historiadora Roselane Neckel (2003), os republicanos buscavam afirmar o novo regime político através de uma série de medidas, através da implantação de símbolos republicanos e o apagamento de símbolos do período imperial. Em dezembro de 1890, a Câmara Municipal de Desterro decidiu em sessão mudar o nome de várias ruas, com o intuito de “dar mais uma prova de seu republicanismo”. Assim, a Rua do Príncipe passou a se chamar Rua do Comércio, a Rua Barão de Iguatemi passou a ser chamar Rua Almirante Alvim, e a Praça Barão de Laguna passou a se chamar Praça XV de Novembro.

Em 1891 Floriano Peixoto toma posse do governo federal, o que causou uma série de instabilidades na recém instaurada república, incluindo um conflito entre duas frentes do partido republicano, a Revolução Federalista¹. Desterro teve um importante papel neste conflito, e por conta disso, em 1894 foi sancionado um novo nome para a cidade: Florianópolis, em homenagem ao presidente Floriano Peixoto (NECKEL, 2003). A virada para o século XX trouxe mudanças para o Centro Histórico da capital catarinense, em que ocorreram construções de narrativas e disputas pela ocupação urbana, sendo esse o tema abordado na próxima seção.

2.2 OS PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX: DISCURSOS OFICIAIS, MARGINALIZAÇÃO E HIGIENIZAÇÃO

Durante o século XX houve uma mudança no perfil de ocupação do centro histórico de Florianópolis. No século anterior ainda se mantinha um padrão de ocupação mais rural, ainda com a presença de chácaras e com grandes áreas desocupadas, como podemos conferir no mapa 10, visto anteriormente. Com o adensamento do território, o preço da terra na região central aumentou, tornando o desmembramento dos terrenos maiores economicamente interessante. Esses desmembramentos foram feitos de forma desordenada, sem regulação do estado, gerando lotes irregulares (VEIGA, 2010). Entre o fim do século XIX e o começo do século XX houve o estabelecimento dos bairros na área central de Florianópolis, que podemos conferir a seguir.



Figura 09: “Hipótese de zoneamento dos antigos bairros (1900)”. Fonte: Veiga, 2010.

Eliane Veras da Veiga (2010) explica que a divisão do território por bairros obviamente carregava todo o histórico de ocupação, com a setorização de funções urbanas e de populações, sua tipologia arquitetônica e seus habitantes. A autora ainda explica estas territorialidades detalhadamente, tanto no quesito histórico quanto sociológico. É com base nesta referência que se escreveram os próximos parágrafos.

Com a sua feição rotineira, colonial, com as suas ruas estreitas, com inúmeros casebres a enfeiar-lhe a estética, Florianópolis impressionava mal aos forasteiros. O beco Irmão Joaquim com seus cortiços margeando o canal da Fonte da Bulha até a Pedreira era um verdadeiro foco de miasmas e um conhecido antro de vadiagem. Não havia ali a menor noção de higiene. Os casebres não tinham instalações de esgotos. As dejeções eram feitas no canal, (...) quilômetros acima, rumando o leito da Fonte da Bulha, a mesma prática dos moradores pobres, sem noção da limpeza e dos bons ensinamentos da higiene e dos bons ensinamentos (“Remodelação de Florianópolis”, jornal República, 01/02/1920; apud NECKEL, 2003).

Os bairros banhados pelo mar da baía Norte, como o Mato Grosso, Rita Maria e Estreito eram descritos como “lindos e agradáveis subúrbios, com belas vistas”. O bairro Menino Deus também foi descrito desta forma mesmo estando a leste da Prava XV por conta de sua elevação, o que também lhe dava uma vista da baía e o afastava dos outros bairros. Já os bairros do centro fundacional, pertencentes à baía Sul, eram vistos como “os bairros tenebrosos do Desterro”, malvistas pelo restante da cidade. Em geral, os moradores desses bairros eram pessoas marginalizadas, como negros libertos, lavadeiras, soldados, marinheiros, prostitutas, e pessoas de pouco poder aquisitivo.

O bairro da Figueira tinha como moradores as populações socialmente marginalizadas, como prostitutas, negros, pescadores, lavadeiras, e outras populações de baixa renda. Em resumo, ali habitavam aqueles sem relevância na vida da alta sociedade

florianopolitana. Também era o bairro onde os marinheiros em trânsito gostavam de se hospedar, por ficar perto dos trapiches.

Na Tronqueira, muitas das edificações eram cortiços, onde quartos e outros cômodos menores eram habitados por várias pessoas. Por ficar mais distante da área de comércio, que se concentrava próximo da linha do mar, este bairro tinha um custo de aluguel menor, atraindo pessoas de menor renda. Como é possível conferir no mapa, a Tronqueira também é cortada pelo rio da Bulha.

A Toca era um bairro de trabalhadores da pesca, onde as casas acomodavam quatro vezes mais pessoas do que poderiam abrigar. Neste bairro estava localizado o cemitério do hospital de Misericórdia (atual Imperial Hospital de Caridade), atribuindo a Toca um aspecto doentio, “foco de todos os miasmas epidêmicos” (VEIGA, 2010).

O Campo do Manejo abrigava o quartel do exército, além de cortiços e becos, como o Beco Sujo, que vemos na foto a seguir. Fazia divisa com os bairros da Pedreira e da Tronqueira, e também era cortado pelo rio da Bulha (VEIGA, 2010).

A Pedreira também era um bairro muito estigmatizado, sendo descrito posteriormente como “o bairro mais sujo que já existiu em Nossa Senhora do Desterro”. Com muitos cortiços, tinha como vizinhos o Beco Sujo e o Quartel, e o rio da Bulha fazia a divisa entre este bairro e o Campo do Manejo. O rio era muito importante na dinâmica do bairro, pois as lavadeiras ocupavam as suas margens e ali lavavam as roupas para quem contratava este serviço. Há relatos que, enquanto trabalhavam as lavadeiras entoavam cantorias, mas este clima de harmonia era instável. Veiga (2010) conta que, de forma extremamente tendenciosa, as narrativas oficiais declaravam que por algum desentendimento qualquer começava uma briga, que logo se tornava generalizada, e só terminava com intervenção externa. Esse tipo de conduta era muito criticado, até mesmo por autores que escreveram sobre o centro fundacional quando esta

realidade já não existia mais, e era usado como atestado da baixeza das lavadeiras e dos habitantes do bairro.

Roselane Neckel (2003) explica que o centro fundacional de Florianópolis, com seu casario colonial e suas ruas estreitas era a representação do atraso para a classe abastada florianopolitana, no qual a cidade se encontrava e buscava superar através de reformas urbanas que implementassem os padrões de urbanização e organização social importados. A imprensa teve um papel fundamental nesta mudança de visão sobre a cidade, divulgando e enaltecendo os progressos técnicos e avanços sociais, ao mesmo tempo que escrevia sobre a cidade com um tom pejorativo, como é possível perceber no trecho do jornal República (1920) anteriormente citado. Os discursos de remodelação não se restringiam ao meio urbano, se estendendo a população através de ações político-médicas como mecanismo de intervenção e controle social. Assim, a higienização do centro fundacional era propagandeada como sendo em função do bem social, e este discurso era usado como justificativa para as várias intervenções feitas no cotidiano e na paisagem urbana florianopolitana entre 1910 e 1930.

Dois fatores pareciam guiar estas alterações urbanas, como explica Neckel (2003). O primeiro era a influência do urbanismo higienista europeu do fim do século XIX, no qual o espaço urbano colonial era considerado insalubre e fonte de doenças, e deveria ser sujeito a grandes obras de saneamento para a resolução desses problemas. Em segundo lugar, as pessoas que habitavam estes espaços tendiam a ser consideradas parte do problema, e estas intervenções acabam por expulsar essa população para resolver os distúrbios causados pela insalubridade. O segundo era o desejo dos mais abastados em reforçar o seu lugar social, diferenciando-se dos mais pobres. Pessoas de alta renda, geralmente ligadas ao transporte e comércio de mercadorias, e pessoas de renda média, como funcionários públicos e profissionais liberais, buscaram formas de demonstrar essa diferença de classes sociais. Uma dessas formas era a ocupação do espaço urbano, em que os mais abas-

tados tinham sua residência na Praia de Fora, trecho do centro fundacional expandido banhado pela Baía Norte, onde tinham grandes chácaras e casas de alto padrão, algumas pelas permanecem conservadas até os dias de hoje.

Neste período houve uma ampliação no traçado viário do centro fundacional, com o alongamento de ruas como a Padre Roma e a Marechal Deodoro, e a abertura de novas vias, como a Avenida Rio Branco e da rua Presidente Coutinho (NECKEL, 2003; VEIGA, 2010). No mapa a seguir, é possível notar a expansão da malha viária, aumentando as conexões tanto no sentido Leste-Oeste, com a rua Presidente Coutinho, quanto Norte-Sul, com a rua Presidente Nereu Ra-

mos e a rua Duarte Schutel (VEIGA, 2010). Vale ressaltar que que esta ampliação ocorreu em áreas que anteriormente eram grandes glebas de terreno, nos bairros mais nobres da capital.

Dentre estas obras de inspiração no urbanismo sanitaria, a de maior impacto na paisagem urbana foi a abertura da atual Avenida Hercílio Luz (então denominada Avenida do Saneamento), nosso recorte principal de pesquisa, obra esta mais profundamente no próximo capítulo. Antes de mergulharmos neste recorte, entretanto, precisa-se entender em macro-escala os processos que incidiram sobre Florianópolis entre a primeira e a segunda metade do século XX, e como se deram os fluxos de investimento nesta espacialidade.

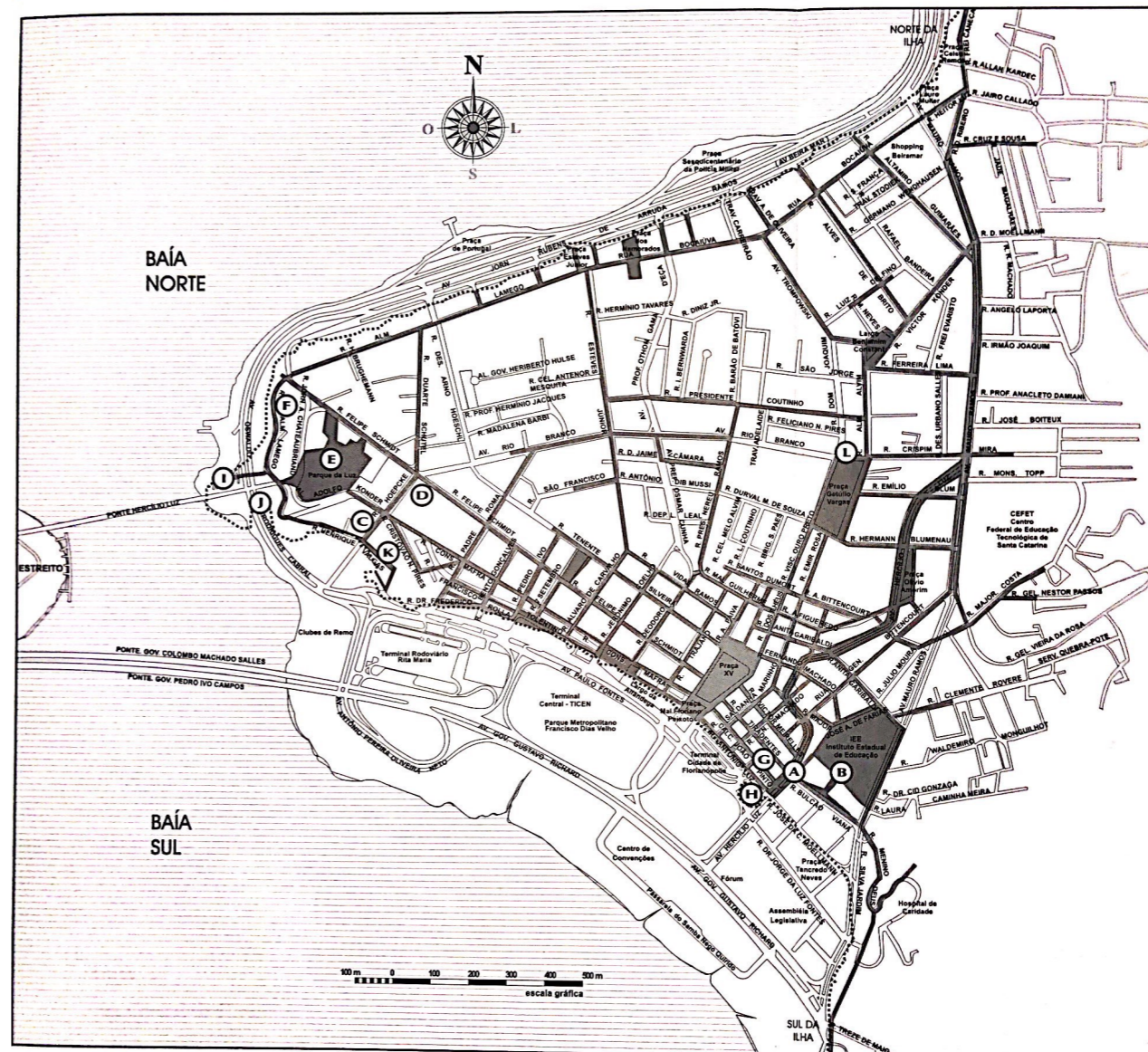


Figura 10: "Área Central de Florianópolis 1921" Fonte: Veiga, 2010.

2.3 DO PERÍODO VARGAS ATÉ 1980: OS FLUXOS DE INVESTIMENTO ESTATAL

A pesquisadora Maria da Graça Agostinho Faccio, em sua dissertação no curso de geografia, publicada em 1997, expõe que em 1930 houve o fim da Primeira República e o início da Era Vargas, em que a oligarquia paulista foi derubada do poder pela união das oligarquias mineira, gaúcha e paraibana, regiões a margem da economia cafeeira paulistana, base do sistema financeiro brasileiro na época. Um dos diversos objetivos do governo Vargas era integrar e fortalecer a economia brasileira, fomentando o setor industrial e incentivando a produção para o mercado interno. Para isso, o governo regulamentou as relações trabalhistas e criou políticas sociais, a fim de garantir trabalhadores qualificados. Também foram investidos recursos em infraestrutura, tanto em centros urbanos – preparando-os para instalações de novas fábricas – quando em rodovias – para o escoamento da produção.

Faccio (1997) continua por expor que Santa Catarina já tinha uma atividade industrial estabelecida em seu território, em que Blumenau e Joinville eram o centro desses polos industriais. Inicialmente essas fábricas supriam apenas o mercado local, mas com passar do tempo e investimento em infraestrutura, a produção passou a ser comercializada fora daquela região. A determinação do governo Vargas em aumentar a produção industrial brasileira potencializou ainda mais esses polos econômicos. Além das Blumenau e Joinville, outras cidades como Porto Alegre e Curitiba expandiam seu raio de comércio sobre o território catarinense, fazendo com que Florianópolis deixasse de ser o principal centro de comércio do estado.

Mesmo não sendo um polo produtor, Florianópolis tinha um papel fundamental no comércio por conta do seu porto, o maior da província no século XIX. A partir dele, as mercadorias que chegavam e supriam o comércio da região, bem como as mercadorias vindas de outras partes da província eram escoadas para outras regiões. No fim do século XIX o transporte e comércio marítimo foi diminuindo lentamente, afetando por consequência o porto de Floria-

nópolis, que até então era a principal função econômica da ilha. Este declínio se acentuou fortemente nos anos 30 com o início da era Vargas, em que, por conta do incentivo ao transporte rodoviário, as mercadorias passaram a ser levadas diretamente das fábricas aos seus destinos de comercialização. Com isso, não havia mais a necessidade de que os itens passassem pelo porto de Florianópolis, acarretando a extinção do transporte marítimo na capital catarinense dentro dos 30 anos seguintes (FACCIO, 1997).

Os presidentes que sucederam a Getúlio Vargas continuaram com objetivos semelhantes em seus governos: fortalecer a economia brasileira através do incentivo ao setor industrial, também investindo nos centros urbanos e em infraestrutura viária. Com isso, o comércio deixou de ser a principal atividade econômica de Florianópolis, e sua economia teve um período de estagnação entre as décadas 30 e 50. Assim, Faccio (1997) explica que as atividades de sede do governo estadual passam a ganhar relevância no contexto florianopolitano, mantendo um crescimento constante da cidade.

No ano de 1964 houve o Golpe de Estado no Brasil, onde forças militares interromperam o mandato de João Goulart, tomando o poder e instaurando um regime autoritário no Brasil. Durante este período houve um grande aumento da concentração de poder do Estado, tanto no âmbito administrativo, com a criação de novos órgãos governamentais, quanto como agente econômico, com a criação de empresas estatais. Este cenário se manteve até a década de 80, quando o país entrou em uma crise econômica, e em 1985 houve o fim do regime militar. Esta expansão do Estado não ocorreu isoladamente no âmbito federal, havendo também um aumento expressivo no âmbito estadual, com a criação de novas entidades administrativas e empresas estatais catarinenses. Neste cenário de aumento da máquina pública, surge a necessidade da construção de sedes para esses novos órgãos do governo. Com isso, Florianópolis teve a sua função de sede de governo potencializada, com a construção de órgãos administrativos, empresas governamentais, bancos estatais e duas universidades públicas (FACCIO, 1997). Para melhor compreensão dos fluxos de investimentos governamentais na Ilha de Santa Catarina, desenvolve-se para este TCC o Mapa de Grandes Equipamentos Públicos, observável na próxima página.

Nele, é possível conferir a localização das obras estatais citadas ao longo desta seção, identificadas pelo período político em que foram feitas, desde o início da república até a redemocratização do Brasil.

É possível acompanhar estas mudanças político-econômicas através da construção dos edifícios públicos em Florianópolis. Em 1945 foi inaugurada a sede do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE), refletindo as medidas de regulamentação de relações trabalhistas e a criação de políticas sociais. A construção do Edifício das Secretarias, inaugurado em 1955, e da sede do BDE, inaugurado em 1962, representam o contínuo investimento do Estado em fortalecer a economia, além de simbolizarem o início da verticalização do centro fundacional da capital. Já a construção das novas sedes da Escola Industrial de Florianópolis (1962) e do Instituto Estadual de Educação (1964) revelam o aumento da importância que a educação passa a ter, devido a necessidade de profissionais mais qualificados com a industrialização do país.

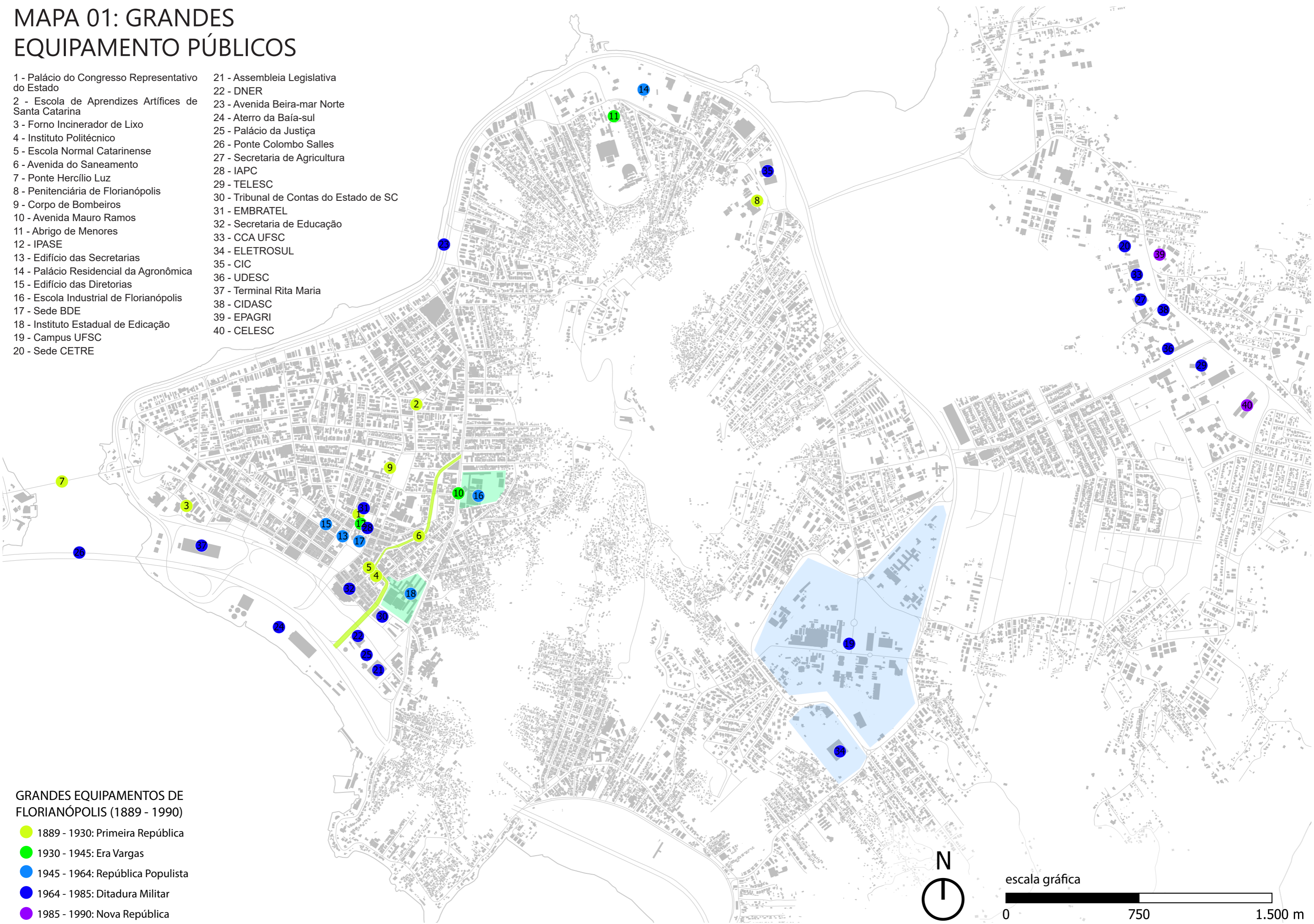
Até o começo dos anos 60 estes investimentos se concentravam no centro fundacional de Florianópolis, com intervenções pontuais no centro expandido. No ano de 1965, com a inauguração do campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), este cenário mudou. Desde os anos 50 idealizava-se a criação de uma universidade catarinense, e desde o início se debatia sobre a localização ideal do campus. No Plano Diretor de 1954, propunha-se a instalação no centro da cidade, onde atualmente fica a Praça Tancredo Neves. Apesar disso, o estado já havia doado um terreno no bairro Trindade para a sediar a universidade. Em 1960 a fundação da UFSC foi aprovada pela Lei Federal 3.849/1960, e seu funcionamento inicial ocorreu nas faculdades já existentes, que foram então incorporadas à universidade federal. Dois anos depois o Conselho Universitário deliberou que a localização do campus seria na Trindade. Ao tomar esta decisão o conselho sabia dos impactos no crescimento urbano da cidade, mudando o sentido de expansão da capital da porção central e continental para a Bacia no Itacorubi. Em 1965 iniciaram-se as atividades no campus Trindade, e em 1970 houve uma reforma universitária que centralizava suas atividades nesse campus, duplicando o número de cursos disponibilizados e tornando irreversível a implantação da UFSC neste bairro e seus im-

MAPA 01: GRANDES EQUIPAMENTOS PÚBLICOS

- | | |
|--|---|
| 1 - Palácio do Congresso Representativo do Estado | 21 - Assembleia Legislativa |
| 2 - Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina | 22 - DNER |
| 3 - Forno Incinerador de Lixo | 23 - Avenida Beira-mar Norte |
| 4 - Instituto Politécnico | 24 - Aterro da Baía-sul |
| 5 - Escola Normal Catarinense | 25 - Palácio da Justiça |
| 6 - Avenida do Saneamento | 26 - Ponte Colombo Salles |
| 7 - Ponte Hercílio Luz | 27 - Secretaria de Agricultura |
| 8 - Penitenciária de Florianópolis | 28 - IAPC |
| 9 - Corpo de Bombeiros | 29 - TELESC |
| 10 - Avenida Mauro Ramos | 30 - Tribunal de Contas do Estado de SC |
| 11 - Abrigo de Menores | 31 - EMBRATEL |
| 12 - IPASE | 32 - Secretaria de Educação |
| 13 - Edifício das Secretarias | 33 - CCA UFSC |
| 14 - Palácio Residencial da Agrônômica | 34 - ELETROSUL |
| 15 - Edifício das Diretorias | 35 - CIC |
| 16 - Escola Industrial de Florianópolis | 36 - UDESC |
| 17 - Sede BDE | 37 - Terminal Rita Maria |
| 18 - Instituto Estadual de Educação | 38 - CIDASC |
| 19 - Campus UFSC | 39 - EPAGRI |
| 20 - Sede CETRE | 40 - CELESC |

GRANDES EQUIPAMENTOS DE FLORIANÓPOLIS (1889 - 1990)

- 1889 - 1930: Primeira República
- 1930 - 1945: Era Vargas
- 1945 - 1964: República Populista
- 1964 - 1985: Ditadura Militar
- 1985 - 1990: Nova República



pactos na urbanização de Florianópolis (FACCIO, 1997).

Outra intervenção que ocorreu nesta área foi a instalação da Eletrosul, no bairro Pantanal, no ano de 1978. Florianópolis não tinha a infraestrutura necessária para atender as 600 famílias recém-chegadas para a operação desta empresa, o que impulsionou a economia da cidade, principalmente no setor da construção. Na ausência de imóveis disponíveis, Faccio (1997) informa que a própria Eletrosul teve que elaborar alternativas de moradia para seus funcionários. Para os funcionários de altos cargos, a empresa construiu dois condomínios fechados, um na Carvoeira e outro no Itaguaçu, e comprou cerca de 50 lotes no Jardim Anchieta. Já para funcionários de cargos mais baixos, a empresa construiu o Condomínio Elos no Córrego Grande, além de disponibilizar financiamentos para a compra de imóveis por uma instituição financeira própria.

Por conta dos dados levantados por Faccio (1997), podemos usar o caso da Eletrosul como exemplo para entender o impacto da instalação de uma grande instituição no território. Inicialmente, vemos os impactos causados pela instalação da sede, sendo eles ampliação do sistema viário, das redes de infraestrutura urbana, transporte público, entre outros. Observando mais profundamente, também vemos os impactos da chegada dos funcionários na cidade. Estes são mais complexos por não serem concentrados em um ponto específico do território, mas sim influenciarem diferentes setores da sociedade e economia. Alguns dos reflexos disso são o aumento na procura por imóveis, e conseqüente incentivo à construção civil; a necessidade de mais vagas em instituições de ensino de vários níveis, desde escolas de ensino infantil, ao ensino superior; maior movimento no comércio em geral; aumento na procura por lazer, entre outros. No caso da Eletrosul, a supramencionada separação espacial dos funcionários por cargos gerou demandas em porções diferentes do território, para níveis de renda distintos.

Faccio (1997) mostra que na mesma época da implantação da UFSC na Trindade, instalou-se o primeiro órgão público no Itacorubi, até então um bairro rural. O local foi escolhido por ter muitas áreas públicas disponíveis, pois o governo Celso Ramos planejava instalar ali todos os órgãos ligados ao sistema público agrícola do Estado, plano este

que se concretizou. Até o ano de 1986 foram transferidas sete instituições agrícolas para o bairro, com a construção de cinco sedes. A instalação destes órgãos públicos no Itacorubi tornou o bairro atrativo, impulsionando a construção de outras instituições na região. Em 1976 foi inaugurado o Centro de Ciências Agrárias da UFSC, para ficar próximo das outras instituições agrícolas, e posteriormente outro departamento da universidade foi ali instalado. Além das instituições agrícolas que foram locadas neste bairro, em 1976 foi inaugurada a sede da TELESC, e em 1979 foi inaugurado o campus da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

A implantação destes órgãos públicos no Itacorubi, juntamente com a instalação da UFSC na Trindade, abriu um novo eixo de expansão para a capital, superando os limites do Morro da Cruz e possibilitando a ocupação urbana de áreas anteriormente rurais. Com tudo isso em vista, é possível entender a importância da implantação dessas grandes instituições para direcionar o crescimento urbano da cidade. Com isso, são criadas dinâmicas de uso do território, que necessitam de infraestrutura para acontecerem, concentrando investimentos públicos e privados, formando assim um novo núcleo urbano.

Tendo em vista essa expansão urbana para além do Morro da Cruz, cabe destacar a construção das novas sedes dos poderes legislativo e judiciário, sendo eles Assembleia Legislativa, Palácio da Justiça e Tribunal de Contas, todos em torno da Praça Cívica (atual Praça Tancredo Neves). Eles não foram construídos simultaneamente, mas a primeira obra teve início em 1966, e em 1976 todos já estavam em funcionamento. Neste período os bairros Trindade e Itacorubi há se estabeleciam como locais apropriados para a instalação de órgãos públicos. A escolha de manter as instituições de mais autoridade no centro fundacional pode denotar poder e estabilidade do governo, e sua importância é salientada por não se avizinharem com órgãos de menor alçada.

Também houve investimento público em infraestrutura urbana neste período, onde a maioria das obras era para ampliar o sistema viário da capital. Algumas destas obras, como o Aterro da Baía Sul e a Via Expressa de Contorno Norte, tinham como objetivo facilitar o acesso a áreas

em crescimento da cidade. Já obras como a Avenida Beira-Mar Norte e a Ponte Colombo Salles buscavam melhorar a conectividade do centro fundacional com o restante da cidade, e no caso da ponte, também buscava diminuir os congestionamentos da Ponte Hercílio Luz (FACCIO, 1997).

O que ocorre nas décadas de 50, 60 e 70 é a expansão da cidade para outras frentes, sendo que centro fundacional passa a não ser mais o único foco de grandes obras, estruturas e transformações. Apesar disso, mesmo dentro deste cenário de novos fluxos de investimento, é notável a centralidade da Avenida Hercílio Luz no contexto urbano de Florianópolis. Desde a sua construção, foram instaladas instituições públicas no seu curso em todos os períodos políticos a partir da Proclamação da República, mesmo quando o eixo de crescimento da cidade já tinha se direcionado para além do Morro da Cruz. E é justamente a “Avenida do Saneamento”, posteriormente rebatizada Avenida Hercílio Luz, que abordaremos nos dois próximos capítulos.

3. PRIMEIRO ATO: A AVENIDA DO SANEAMENTO E A EXPULSÃO DO POVO POBRE, DO BOULEVARD À FRANCESA AO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Este capítulo tratará da Avenida Hercílio Luz, seu papel no centro fundacional de Florianópolis e as disputas de território ali travadas. Aqui, será analisado o contexto histórico e social da cidade no século XX, que levaram a construção da avenida, sempre buscando entender o impacto social gerado. Também será investigada a mudança de papel da avenida com o passar dos anos e seus ciclos de investimento e desinvestimento estatal.

3.1. OS ANOS 1920 E A AVENIDA DO SANEAMENTO

Nas primeiras décadas do século XX, ocorreu uma ampliação no traçado viário do centro fundacional. Como descrito no capítulo anterior, devido à influência do urbanismo sanitário proveniente da Europa, o centro passou a ser interpretado como insalubre e fonte de doenças, situação à qual o discurso político-midiático da época afirmava que a única solução era a higienização e retirada em massa das populações “indesejáveis” às elites florianopolitanas, por assim dizer. Dentre as obras realizadas, um dos divisores de águas para a promulgação do projeto higienista florianopolitano foi o projeto de implantação da Avenida do Saneamento, efetivada em 1922, uma das intervenções de maior impacto na paisagem urbana do triângulo central.

Como citado anteriormente, a construção desta avenida não tinha como intuito a expansão do centro fundacional da cidade, pois a rua General Bittencourt e a Avenida Mauro Ramos já cumpriam esse papel, conectando o centro fundacional à baía norte. Assim, pode-se supor que esta obra teve como objetivo o saneamento de toda a extensão territorial próxima ao rio da Fonte Grande¹ (ou da Bulha). Isso acarretou a evacuação em massa dos bairros que o rio cortava – Pedreira, Figueira e Campo do Manejo, bairros habitados por populações de baixa renda –, o que fortalece a ideia de que a obra foi direcionada a uma “limpeza urbana” que visava “revitalizar a cidade” para atrair as elites florianopolitanas. Para a historiadora Giorgia de Medeiros Domingues:

A consagração máxima do projeto higienista, no entanto, concretizou-se no momento em que foi construída a Avenida do Saneamento em 1922, atual Avenida Hercílio Luz. Para edificá-la foram derrubados inúmeros cortiços, casinhas de porta e janela e quarteirões inteiros de edifícios que lembravam o antigo passado colonial que se pretendia extirpar. A efetivação de tal obra pode ser considerada um divisor de águas na cidade, ou melhor, um divisor espacial visível de classes; uma vez que assinalou a ocupação dos ricos na região central da cidade e dos pobres nas áreas periféricas e encostas de morros. A instalação da Avenida do Saneamento na região procurava assinalar de forma definitiva o processo de homogeneização que se pretendia efetuar na cidade. Tal processo fundamentava-se no estabelecimento de regras, padrões e comportamentos iguais para todos, não levando em consideração as diferentes realidades sociais e heterogeneidades da população; pois, conforme Rogério Luiz de Souza, os projetos não os vinculam numa mesma posição e direção, pelo contrário, situam-nos e os fixam em lugares diferentes e distintos, ora incluindo e prestigiando alguns, ora excluindo e controlando outros. (DOMINGUES, 2010, p. 75)

¹ Primeira denominação do Rio da Bulha, cujo motivo se explicará na próxima página.

Pondo em outras palavras, a construção da avenida tinha a motivação de “sanear” o centro histórico, não só das más condições de higiene, mas também das populações socialmente marginalizadas que ali se instalavam. Para isso, tanto Domingues (2010) quanto Veiga (2010) assinalam que houve a demolição de várias edificações antigas, cortiços, pequenas casas e quarteirões inteiros, como a derubada de todo o beco Irmão Joaquim (antigo beco Sujo), que vemos na Figura 11.



Figura 11: Beco Sujo. Fonte: Casa da Memória.

A própria ação de canalizar o rio da Bulha se apoiava em um discurso higienista particular, oriundo das camadas de alta renda. Anteriormente chamado rio da Fonte Grande, houve um aumento da ocupação urbana das margens do córrego na segunda metade do século XIX. Ali, as populações mais pobres se instalavam em pequenas casinhas e cortiços, frequentemente habitados por mais pessoas do que podiam comportar. Entre os residentes, havia a presença de ex-escravizados, pois as pessoas negras libertas encontraram ali fontes de renda para seus sustentos e moradias de baixo custo. As lavadeiras, por exemplo, utilizavam o Rio para limpar as roupas daqueles que contratavam seu serviço. Aos homens, ofereciam-se vagas de trabalho no porto, e como forma de “entreter” estes sujeitos, surgiam na região fontes “alternativas” de renda: prostituição, bordeis, tabernas, entre outros (SANTOS, 2009).

Veiga (2010) mostra que o poder público não investia em infraestrutura urbana para qualificar essas localidades,

enquanto ainda eram vivenciados por populações socialmente marginalizadas. Isso resultava em um cenário de más condições sanitárias, com esgoto despejado diretamente no rio e habitações em condições precárias. Sendo assim, Santos (2009) afirma que os membros da elite florianopolitana, incomodados com a presença dos “membros das classes perigosas” e a sujeira local, passaram a chamar o Rio da Fonte Grande da alcunha pejorativa de “Rio da Bulha”. Segundo o dicionário Priberam (2022), “bulha” significa barulho, confusão, desordem, briga.

Portanto, o discurso das classes dominantes tachava os bairros que margeavam o rio como locais de desordem e imoralidade. É possível observar isso em um trecho da época, que descreve haver “Cortiços baratos e sem conforto. Lavadeiras. Marinheiros. Soldados. Mendigos. Gente de má fama. Toda uma favela a marginalizar um rio imundo” (CABRAL, 1971 apud SANTOS, 2009, p. 90). Segundo Domingues,

Diante da impossibilidade de normatizar determinadas parcelas da população, a solução encontrada era excluí-las das áreas centrais da cidade e impossibilitá-las de circularem em determinadas regiões. O histórico do local parece ser muito esclarecedor nesse sentido. A começar pelos bairros que nele se encontravam; considerados os mais tenebrosos pela insalubridade, por seus moradores, seus hábitos e “vícios”.

A presença de prostitutas, negros, mendigos, alcoólatras, loucos, “mulheres-homens”, vendedores ambulantes, homossexuais, menores abandonados e boêmios nas ruas do centro da cidade aborrecia as elites locais. Por isso, como medida de segurança para as classes mais abastadas, os antigos bairros da região central da cidade iam sendo alvo sistemático de rápidas mudanças, o que implicava também na retirada em bloco de toda população habitante de áreas como a Pedreira, Tronqueira, Toca e Figueira.

Desta forma, os lugares nos quais os membros das classes perigosas viviam, sobreviviam e mantinham suas redes de sociabilidades eram demolidos e transformados em ambientes propícios para o passeio e lazer das famílias mais abastadas. (DOMINGUES, 2010, p. 75-76)

Com base nesta ideologia, o propósito político-midiático de higienizar os bairros populares se fortaleceu, canalizando o Rio da Bulha e tornando-o uma avenida com inspiração nos boulevards parisienses. A Avenida do Saneamento, inaugurada em 1922 – cujo nome por si só já “evidencia o caráter saneador implantado em Florianópolis” (DOMINGUES, 2010, p. 75), gerou uma nova espacialidade para as classes mais abastadas, uma via arborizada que seria frequentada apenas pela elite. Contraditoriamente, enquanto a alta sociedade dali a pouco viria a ocupar as margens do Rio da Bulha, quem implementava de fato as obras de canalização do córrego e construção da Avenida eram as próprias populações pobres e majoritariamente negras que dali foram expulsas (Figura 12).



Figura 12: “Obra de Canalização do Rio da Bulha, 1919”. Fonte: Acervo da Casa da Memória.

Neste cenário, as pessoas que habitavam estes bairros eram tratadas como peças de tabuleiro, que poderiam ser descartadas caso não se encaixassem no padrão ideal, onde a cidade alcança o patamar de progresso e modernidade almejado. Ao ser despejada, esta população perde seus referenciais físicos e afetivos construídos com o local, e se realoca em áreas periféricas da cidade, tendo suas condições de vida deterioradas (NECKEL, 2003). Alguns cidadãos perceberam que estas ações do estado prejudicavam os mais pobres, como é possível conferir no trecho de um jornal da época citado abaixo:

(...) esbarrava-se meu olhar na destruição da antiga “cidade nova” onde era o refúgio e o abrigo dos pobres que, quer queira quer não, fazem parte do povo, assistindo-lhes o direito de viverem como qualquer abastado cidadão, no centro de uma cidade.

Nessas pequenas casas residiam cooperantes do progresso tais como pedreiros, carpinteiros, broquiadores etc., os quais foram dali arrojados para viverem nas matas pois seus salários não lhes dão para pagarem casas de 50-60\$000.

Causa-me estranheza que isso aconteça no nosso pequeno Estado, quando vejo o Exmo. Ministro da Agricultura empregar os maiores esforços em arrancar das nossas matas os indígenas nossos semelhantes e patrícios para trazê-los ao meio social, domesticando-os, nós aqui mandamos que vivam nas matas os nossos infelizes e pobres operários pelo fato de serem pobres.

A desculpa ou razões que se deram para demolição da “cidade nova” foi ficar muito feio aqueles cortiços ao lado do nosso novo congresso, onde se assentaria um jardim ou far-se-ia um decente largo (London, “Jardim Oliveira Bello”, jornal O Clarão, 24/09/1911, p.2; apud NECKEL, 2003).

No entanto este discurso questionador não era o que dominava o pensamento da elite florianopolitana. Em 1922, quando a Avenida do Saneamento foi inaugurada, era comemorada a higienização da região e os ares modernos que ela conferia a Florianópolis, o que podemos observar no trecho de jornal citado abaixo:

A inauguração da Avenida Hercílio Luz.

Esta tarde, será festivamente inaugurada a Avenida Hercílio Luz, este importantíssimo melhoramento que a administração sábia e patriótica do estadista Hercílio Luz realizou. Inegavelmente, é esta uma obra não só de aformoseamento como de saneamento desta Capital (...). Ligando as duas baías, norte e sul, canalizando as águas da fonte da bulha, a nova avenida se desdobra em majestosas retas e belas curvas coma sua arborização verdejante. De cada lado, há os passeios convenientemente consolidados e abaulados. Neste grande trecho, que compreende uma grande extensão através de magníficas zonas de nossa “urbes”, foram colocados elegantes postes candelabros,

com a melhor disposição iluminatória. Esta noite far-se-á a inauguração da luz elétrica em toda a avenida (BPE – Jornal “A República” em 07/09/1922, p. 5; apud VEIGA, 2010, p. 239).



Figura 13: Avenida Hercílio Luz recém inaugurada. Fonte: Casa da Memória.

Segundo Eliane Veras da Veiga (2010, p. 238), a avenida se tornou uma das áreas preferidas para a construção de residências de classe média, “habitações de fachadas ecléticas, dotadas de conforto e padrões higiênicos sadios”. Enquanto isso, as populações de baixa renda foram expulsas em massa para localidades do Maciço do Morro da Cruz, região esta que na época ainda se considerava distante do centro. Assim, consolidou-se um processo de segregação urbana que permanece marcado até hoje na paisagem urbana florianopolitana.

Dessa forma, é possível perceber que a região onde a Avenida Hercílio Luz se localiza é muito relevante na história da urbanização de Florianópolis. Antes da construção da avenida, no século XVIII, o rio da Bulha era uma importante fonte de água potável, e direcionou o crescimento do centro fundacional para o leste da Praça XV. Com o passar dos anos, a ocupação dessa área se consolidou, com edificações residenciais e comerciais, sendo uma parte essencial para a dinâmica da cidade. As edificações lá presentes eram humildes e esteticamente simples, dando a região um aspecto colonial empobrecido. Isso ia contra os ideais

de modernidade almejados no início do século XX pela elite florianopolitana. Assim, a construção da Avenida Hercílio Luz, concluída em 1922, não era apenas a construção de uma avenida e canalização de um rio, mas concretizava as pretensões de modernidade e progresso de políticos e da classe abastada da cidade e capital do estado.

Apesar do que foi apresentado até aqui, não se deve pensar que estes grupos socialmente oprimidos aceitaram passivamente a marginalização que decaiu sobre eles. Nas palavras de Giorgina Domingues (2010, p.76), “diante de tal projeto modernizador homogeneizante, restava àqueles que não se enquadravam no modelo idealizado agir, reagir, resistir ou se sujeitar”. Para além de se aceitar facilmente suas exclusões, estes grupos se organizaram socialmente. Ao longo do século XX, com as mudanças da paisagem urbana local ocorridas após mudanças de planos diretores e pela verticalização, novamente se formaram espaços de resistência na Avenida Hercílio Luz, consolidando-a como um território em disputa. É o que veremos na próxima seção.

3.2. ALGUNS PLANOS DIRETORES E SEUS IMPACTOS NA AVENIDA HERCÍLIO LUZ

O Plano Diretor é um instrumento urbanístico corriqueiro no dia a dia de arquitetos e urbanistas, mas a primeira vez que esta ferramenta foi utilizada da forma que conhecemos foi no ano de 1930, no plano elaborado por Alfred Agache para o Rio de Janeiro (RJ). A partir disso, esta ferramenta foi sendo amplamente utilizada para o planejamento urbano, sofrendo alterações sucessivas até chegar à forma que conhecemos hoje. Durante a Era Vargas os Planos Diretores eram elaborados alinhados com os objetivos de governo, de fortalecimento da economia, aumento da produção industrial e investimento na estrutura viária para escoar a produção. Programas como o Plano de Avenidas de São Paulo (1930) e o Plano de Arnaldo Gladsh de Porto Alegre (1943) alteraram o traçado colonial das cidades, adequando-o para as necessidades advindas da industria-

lização do país, conseqüentemente dinamizando a economia desses municípios.

Segundo a arquiteta e urbanista Jéssica Pinto de Souza (2010), Florianópolis não entrou no primeiro momento de industrialização e modernização brasileira, e sua economia estagnada desde a década de 30 vinha desagradando os grupos sociais de mais influência. Dessa forma, elaborar um Plano Diretor para Florianópolis era visto como a saída para este marasmo econômico instalado na cidade, pois acreditava-se que o planejamento urbano poderia nortear o desenvolvimento econômico das cidades. No ano de 1952 foi entregue para a prefeitura o primeiro Plano Diretor de Florianópolis, plano este que foi aprovado pela Câmara de Vereadores apenas no ano de 1955, pela lei 246/55.

Este plano foi elaborado pelos arquitetos Edvaldo Pereira Paiva, Demétrio Ribeiro e Edgar Graeff, conhecidos por implantarem programas semelhantes em cidades gaúchas, como Uruguaiana e Lajeado. Paiva era coordenador da equipe que trabalhava no desenvolvimento do plano, portanto os ideais e propostas ali implementados partiram dele. O arquiteto tinha como referência os urbanistas Alfred Agache e Prestes Maia, profissionais que elaboraram planos diretores inovadores na década de 30, bem como da influência do urbanismo modernista, movimento cujos marcos iniciais foram o IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (1933), e a posterior publicação da Carta de Atenas (1941) (SOUZA, 2010).

Outro fator que influenciou a escrita do plano, além do urbanismo do início do século XX, foi o contexto político nacional. Souza (2010) afirma que desde a década de 30 o governo buscava fortalecer a economia brasileira incentivando o setor industrial, além de investir nos centros urbanos e em infraestrutura viária. Estes preceitos já geravam resultados positivos em outras cidades, levando os arquitetos a tentar replicar essa fórmula no Plano Diretor florianopolitano. Junto a isso, os autores analisaram as características já existentes da cidade para anexarem aos ideais acima citados, e assim elaborar uma proposta condizente com a cidade. Através da análise feita, identificou-se o potencial da atividade portuária na cidade, unificando e expandindo o porto e adicionando um polo industrial junto a ele. Também foi proposta a implantação de um Centro Cívico e de uma Cidade Universitária, sob a influência do urbanismo modernista.

O Plano Diretor faz propostas para o centro fundacional expandido, tendo o Morro da Cruz como limite, além de uma parte do continente, que não tinha uma delimitação determinada, mas é possível supor que englobava todo o bairro Abraão e parte do bairro Estreito. O restante da cidade foi considerado como área rural, e por isso não foi levado em conta. Definia-se a divisão do uso do solo em cinco zonas distintas: residencial existente, residencial nova, comercial-residencial, comercial e industrial. Na determinação de uso do solo das áreas da cidade, não houve uma proposta de mudança na organização espacial, mas sim a ratificação da disposição dos usos já existentes em Florianópolis. O zoneamento proposto reforçava a atividade comercial no centro fundacional, propunha que a porção norte do centro fundacional expandido permanecesse como área residencial e estabeleceu que na área continental seriam instalados o porto e a área industrial (SOUZA, 2010).

Souza (2010) detalha que no zoneamento do meio urbano, presente na imagem abai-

xo (FIGURA 14), o porto e polo industrial foram alocados no continente, enquanto o Centro Cívico, a Cidade Universitária e a maior parte da área residencial foram posicionados na ilha. A localização desses equipamentos urbanos reforçava a diferença de valor monetário e social entre estas duas regiões de Florianópolis. O continente seria mais desvalorizado com a implantação do porto e indústrias, por conta das atividades e serviços que sempre os acompanhavam, como prostíbulos e grandes armazéns de estocagem. Já a ilha teria seu território ainda mais valorizado, pela implantação de equipamentos urbanos de prestígio e pelo aumento de zonas estritamente residenciais. E a porção norte do centro fundacional expandido manteria o seu perfil de moradores de alto poder aquisitivo, pois teve a maior parte do território zoneado para uso residencial, afastando atividades malquistas.

A Avenida Hercílio Luz também manteve o uso do solo já existente, sendo demarcada como zona residencial e zona residencial nova, como podemos conferir na imagem acima (FIGURA 15). Em relação ao número de pavimentos, foi permitida a construção de edificações de até 2 pavimentos na maior parte da avenida, e apenas nas quatro quadras mais próximas a baía Sul permitiam-se construções de até 4 pavimentos, como podemos conferir na imagem abaixo (FIGURA 15) (SOUZA, 2010).

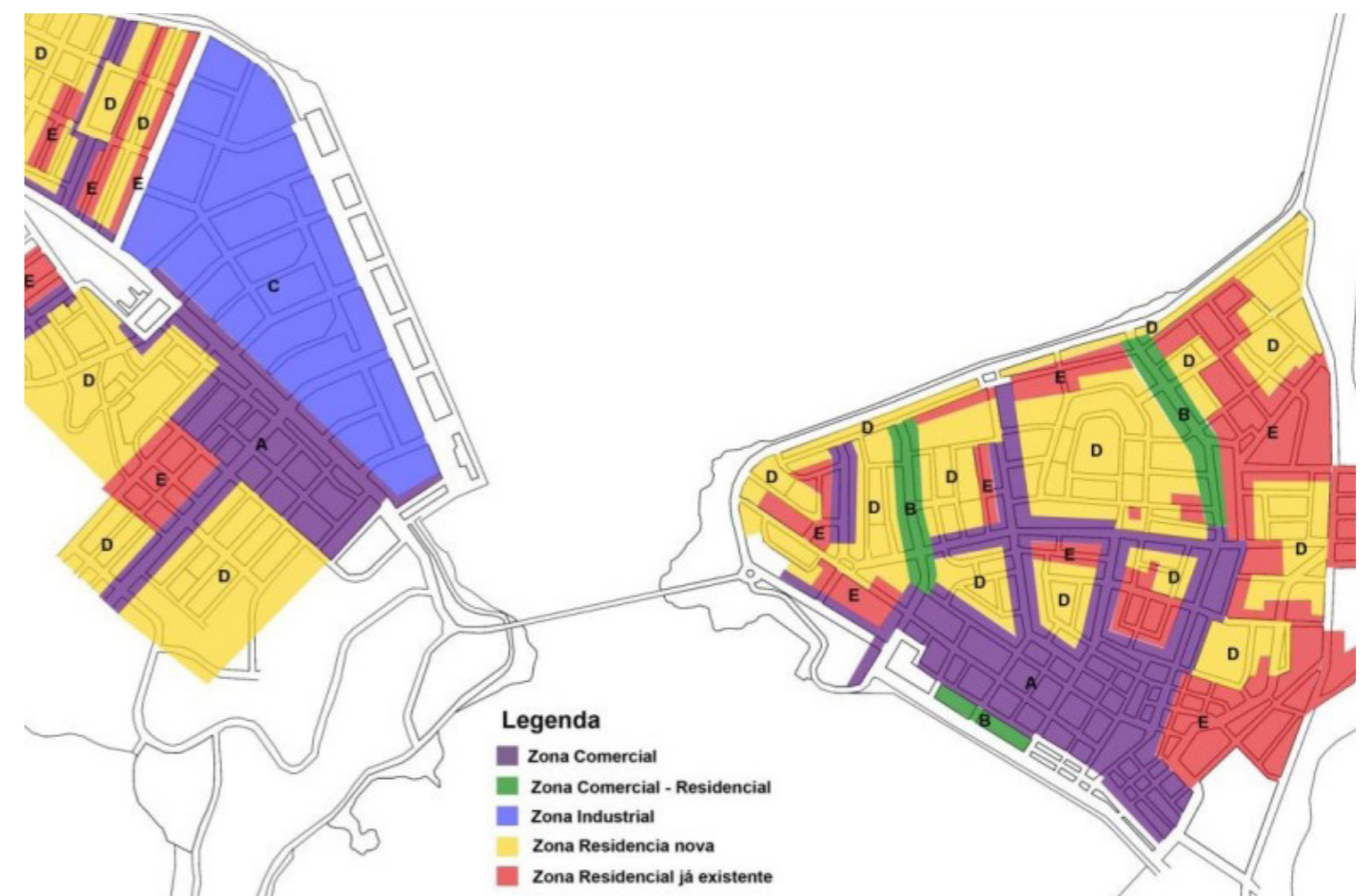


Figura 14: "Planta de Zoneamento do Plano Diretor de 1955". Fonte: Souza, 2010.

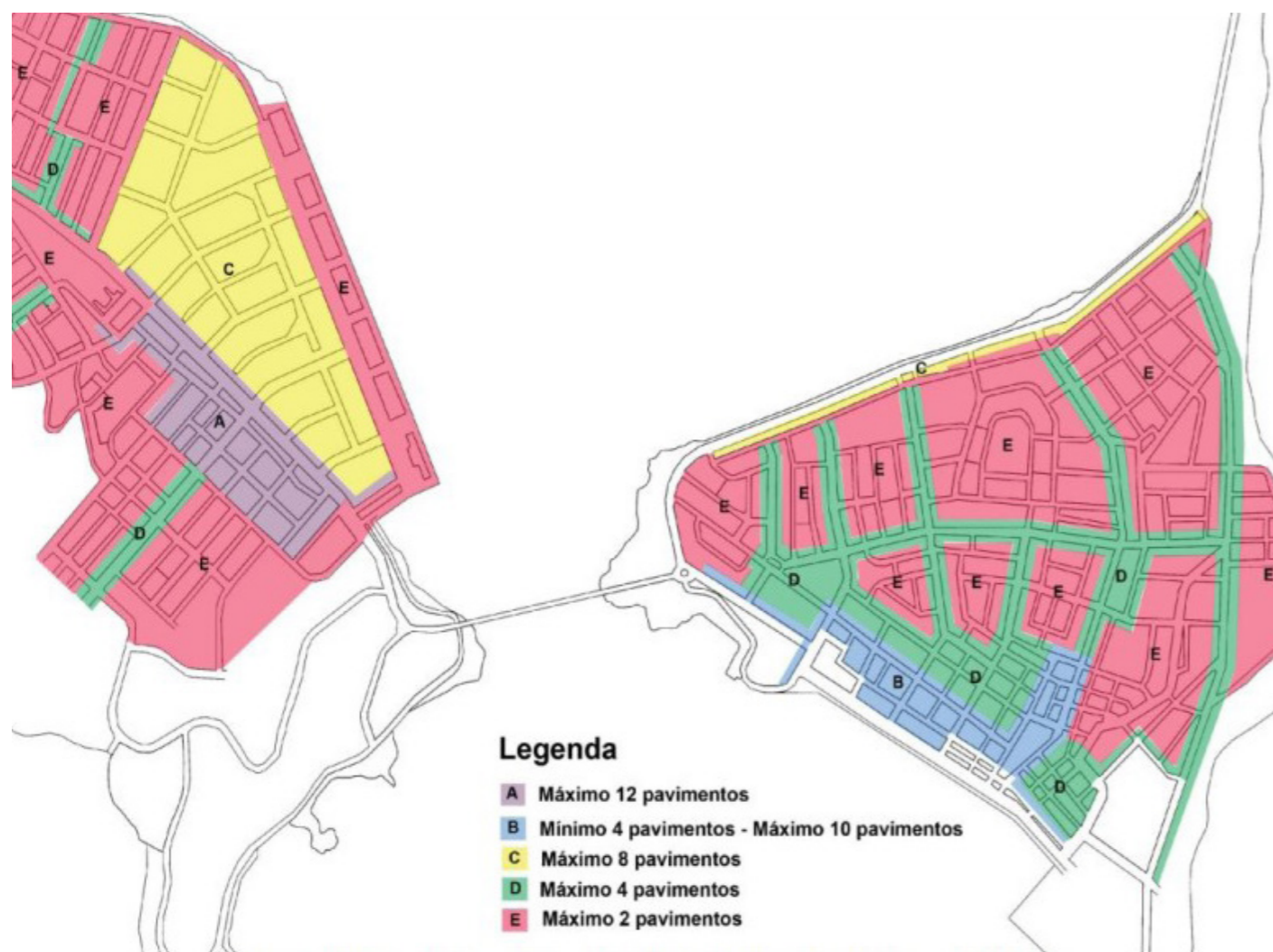


Figura 15: “Planta das alturas das edificações do Plano Diretor de 1955”. Fonte: Souza, 2010.

No entanto, a pressão feita pelo capital imobiliário para aumentar o potencial construtivo na área abrangida pelo Plano Diretor surtiu efeito, e entre 1966 e 1973 foram aprovadas 8 leis que aumentavam o gabarito permitido em áreas específicas da cidade (SOUZA, 2010). Dentre estas, a Lei nº 778/1966 se destaca por fazer a alteração de maior abrangência, e por alterar em específico o gabarito da Avenida Hercílio Luz, mantendo o gabarito das ruas adjacentes, como podemos ver na Figura 16.

Poucos anos após a aprovação desta lei foram construídos os edifícios em fita da Avenida Hercílio Luz, edificações únicas na cidade e de grande importância para a conformação da avenida, conhecidos como paredão. O mapa abaixo espacializa a construção de edifícios em altura na área insular da cidade, e os edifícios em fita da Avenida Hercílio Luz estão destacados. Neste mapa também podemos analisar a construção de edificações na Baía do Itacorubi, área de expansão da cidade iniciada pela construção de grandes instituições públicas.

A Lei do Plano Diretor nº 246/55 ficou em vigência por 21 anos, pois em 1976 foi aprovado um novo Plano Diretor, substituindo-o. Poucas intervenções do plano de 1952-1955 foram materializadas, sendo resumidas a obras no setor viário, como a construção da Ave-

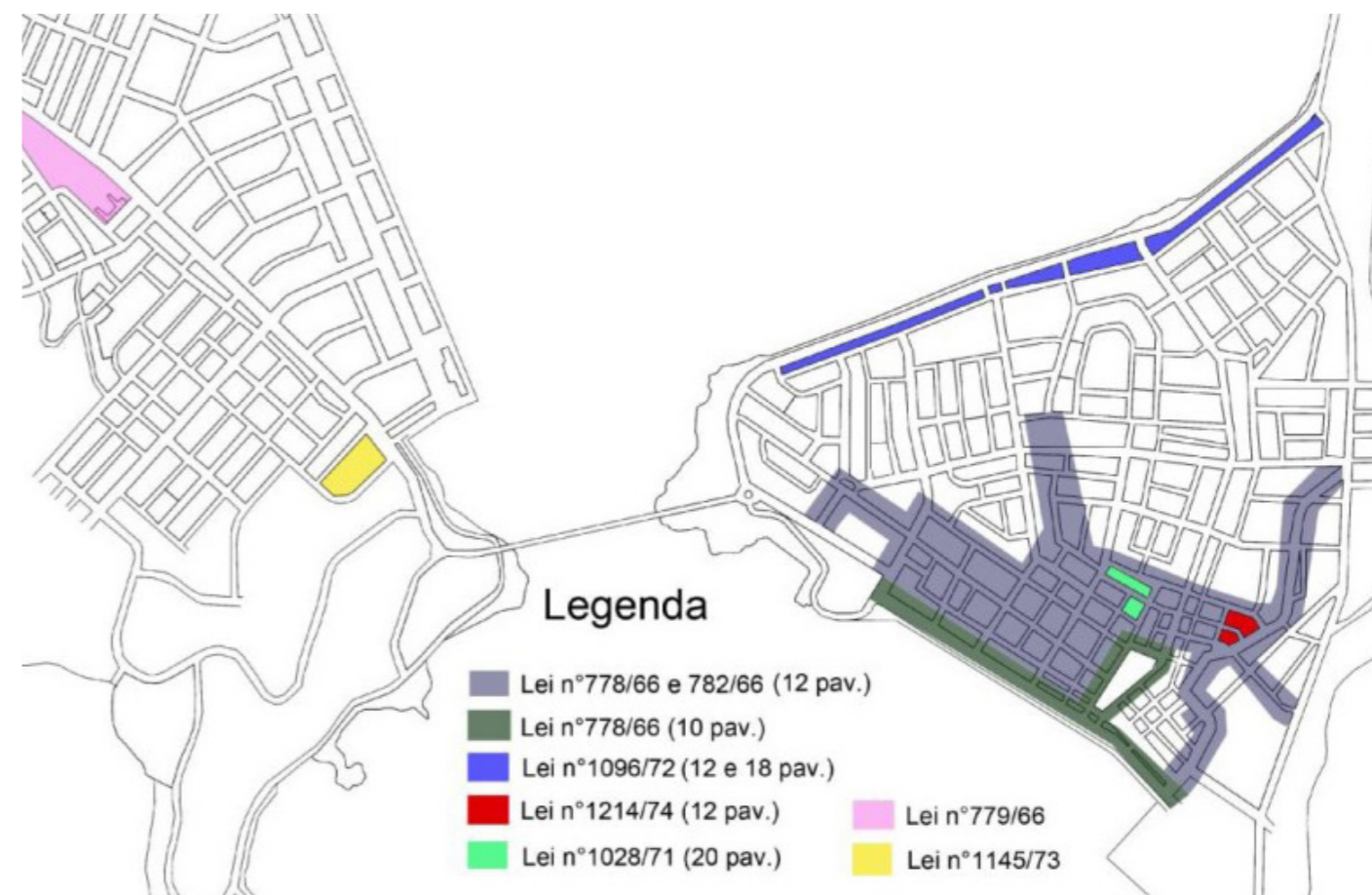


Figura 16: “Espacialização das alterações na legislação”. Fonte: Souza, 2010.

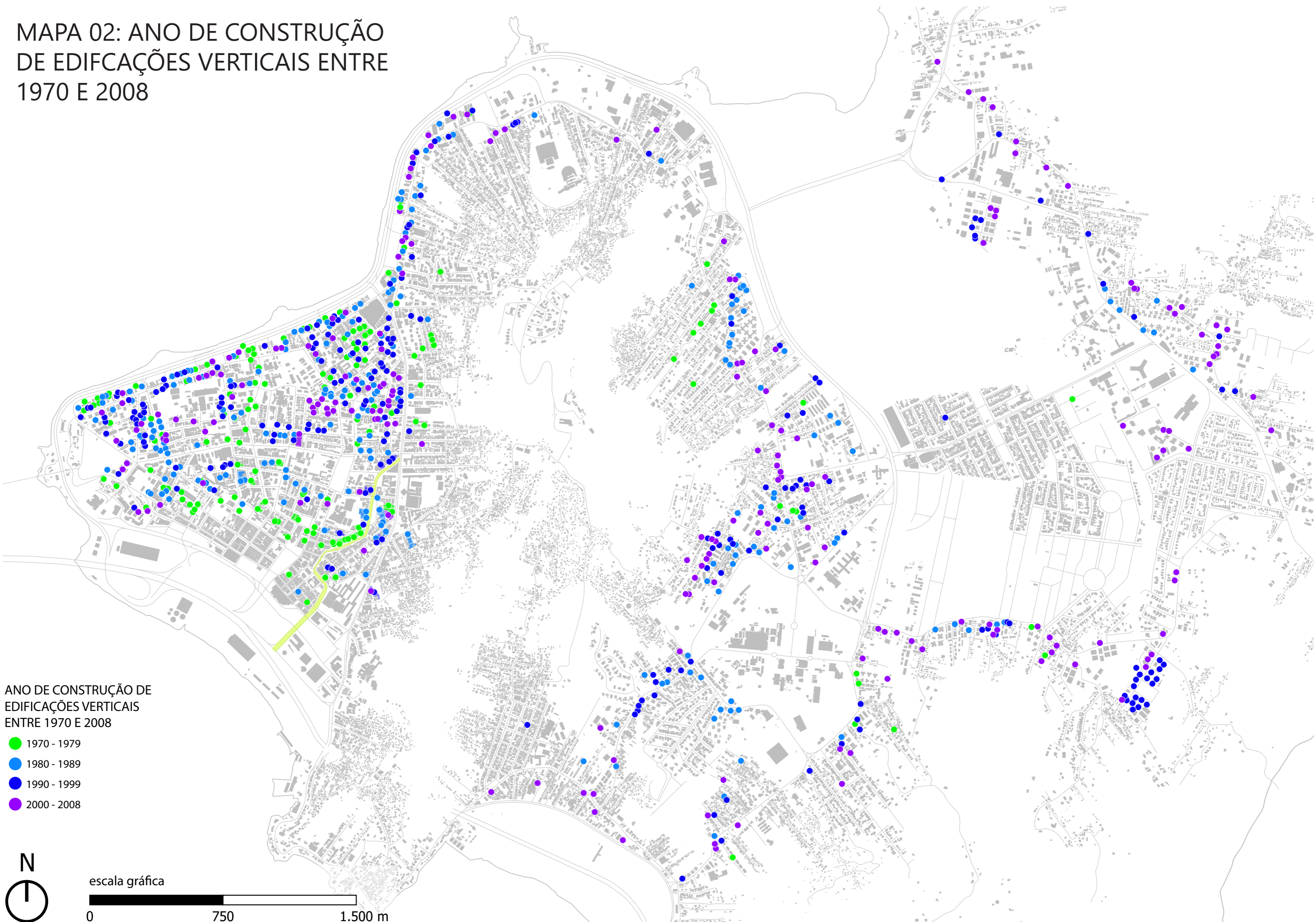
nida Beira-Mar. Apesar disso, o programa foi importante por reafirmar a organização socioespacial do uso do solo, e por influenciar na atuação do capital imobiliário (SOUZA, 2010).

Como abordado no capítulo anterior, é importante perceber que os fluxos de investimento do capital estatal se deslocaram do centro histórico expandido para a região da Trindade e da Baía do Itacorubi. Como resultado, a arquiteta e urbanista Cristina Besen Müller (2022, a publicar)² explica que isso contribuiu para que o centro fundacional passasse, novamente, a ser associado à imoralidade e aos “desvios sociais”.

Müller (2022, a publicar) explica os desvios sociais são aquelas práticas considerados pela sociedade baseada na moral cristã como “imorais”, tais quais a homoafetividade, a subversão, a prostituição, ou atos realizados por “corpos abjetos”, pessoas negras, com deficiências, homossexuais, pessoas de baixa renda, entre outros. Em referência a Foucault, Müller (2022, a publicar) afirma que os desvios são heterotopias nas quais “se localiza os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida” (FOUCAULT, 2009, p. 416 apud MÜLLER, 2022, a publicar, p. 42). Para a autora, o desvio não é algo negativo, mas sim uma ferramenta de mudança, em que não se encaixar na norma permite aos sujeitos que estes se organizam politicamente e questionem a heterocisnormatividade vigente.

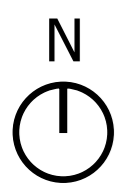
² Os trechos aqui presentes são parte da dissertação de mestrado da autora, já disponibilizados para a banca de defesa de dissertação e para o Programa de Pós-Graduação de que a autora faz parte (PPG/FAU/UnB). O trabalho ainda não está publicizado no Repositório Institucional da UnB.

MAPA 02: ANO DE CONSTRUÇÃO DE EDIFICAÇÕES VERTICAIS ENTRE 1970 E 2008

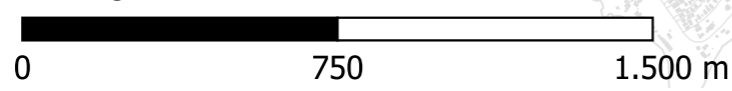


ANO DE CONSTRUÇÃO DE EDIFICAÇÕES VERTICAIS ENTRE 1970 E 2008

- 1970 - 1979
- 1980 - 1989
- 1990 - 1999
- 2000 - 2008



escala gráfica



Müller destaca que:

Ao longo dos anos 1970 e 1980, o Centro Fundacional de Florianópolis passou a ser associado à imoralidade, afastando as elites florianopolitanas e desencadeando um momento de desinvestimento local. Betina Adams (2001) destaca que nos anos 1970, ocorreu um ciclo de desvalorização do patrimônio no centro fundacional de Florianópolis. Como justificativa para desprestigiar o patrimônio, alguns agentes urbanos corroboravam o discurso de que “para alcançar o status da modernidade, era necessário destruir o passado e as janelinhas em guilhotina são substituídas pelas de alumínio” (ADAMS, 2001, p. 99). Neste cenário, o ar de degradação contribuiu para a formação de uma região moral associada às populações desviantes.

(...)

Isso tornou o espaço mais e mais precarizado, com edificações degradadas, espaços públicos abandonados, aumento do número de pessoas em situação de rua e aumento da criminalidade. (MÜLLER, 2022, a publicar, p. 103)

Müller (2022, a publicar) destaca que nesse espaço precarizados, os sujeitos desviantes foram reconstruindo suas redes de sociabilidade, reocupando o espaço público que lhes foi tirado no início do século XX. De forma semelhante ao que ocorreu quando da implantação da Avenida do Saneamento na década de 1920, essa presença de “indesejáveis” começou a incomodar as elites florianopolitanas. Isso estimulou, na década de 1990, o discurso de que as classes populares precisavam ser afastadas do centro (e da Avenida Hercílio Luz) para que se conquistasse e a revalorização do território. A ferramenta encontrada para tal,

seria o enobrecimento urbano através da revitalização. Segundo Silvana Rubino:

O enobrecimento urbano não deixa de ser uma modalidade contemporânea de higienismo, encoberta por um discurso de vida e apreço à cidade. Dialoga com diversas outras formas de ocupação segregação urbana ao conferir um valor simbólico ao lugar, e a partir daí auferir outros valores. Assim fica claro o empenho em revitalizar por meio de equipamentos culturais: é preciso um certo capital para se apropriar deles. Afinal, a cidade é feita de fronteiras, que tanto impedem que os atores sociais considerados impróprios entrem, como que os legítimos saiam e assim se desclassifiquem. (...) O enobrecimento não é apenas uma política de exclusão, mas uma faceta delicada das dinâmicas urbanas, uma vez que quanto mais afirma o valor e o papel da cidade, lembra que o ar da cidade liberta apenas aqueles que sabem e podem viver nela. (Rubino, 2009, p. 37)

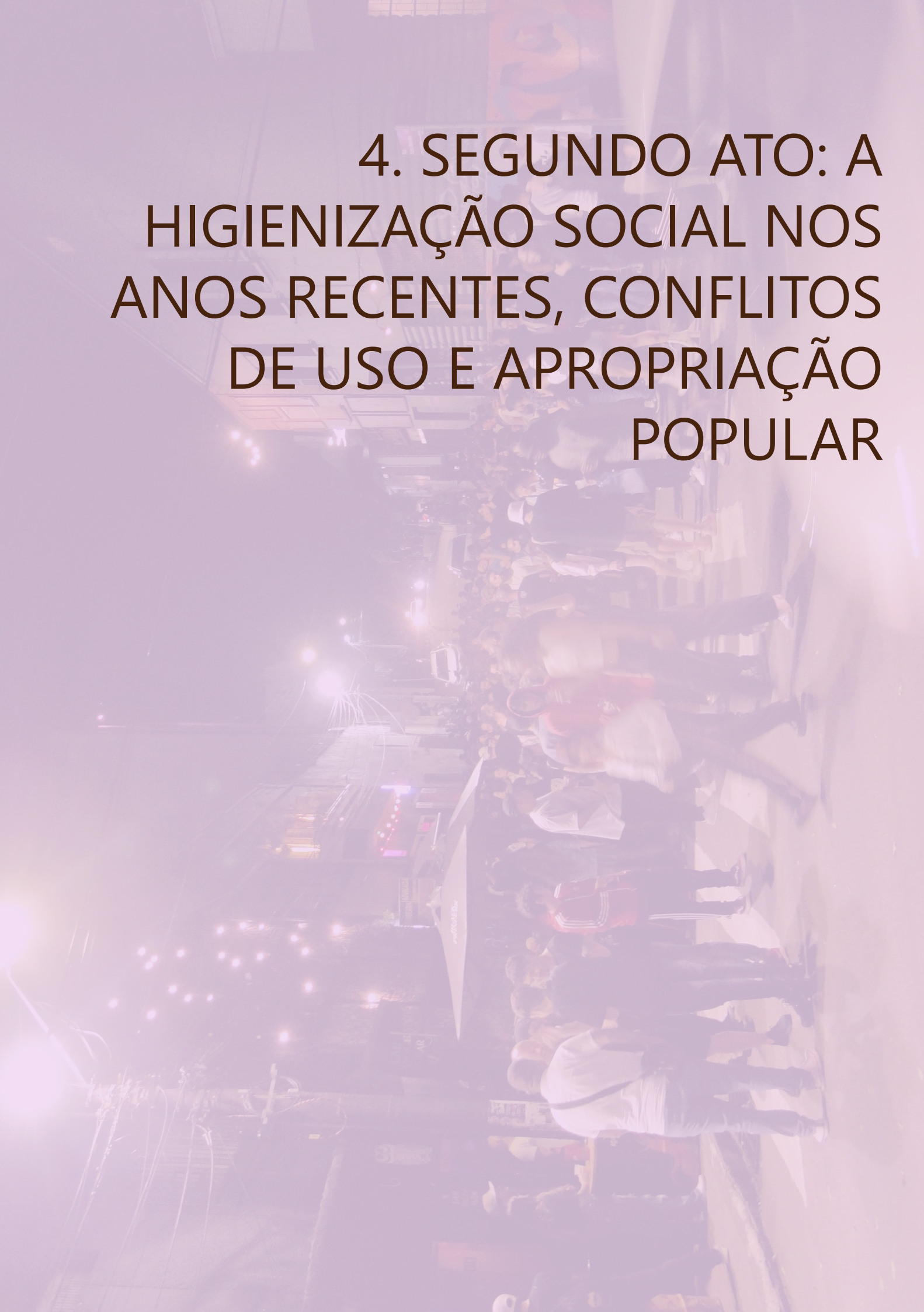
Müller (2022, a publicar) explica também que esse tipo de discurso, ao prezar pela revitalização, renega a vida já existente ali. A autora também expõe que no caso do Centro Fundacional de Florianópolis “a primazia discursivo-ideológica” voltada para a especulação imobiliária resulta que as “benesses sobre a produção espacial favorecem pequena parcela da população” (MÜLLER, 2022, p. 106). Em outras palavras, apenas as populações de rendas mais altas podem desfrutar do espaço enobrecido.

No caso da Avenida Hercílio Luz, observa-se um sinal desta forma de urbanização na cobertura do Rio Da Bulha,

obra finalizada em 2008. Ali, novamente observamos uma rua nos moldes europeus: o rio coberto se torna um largo canteiro central densamente arborizado, recebe uma ciclovia de qualidade, bancos e mesas de dominó, e se torna o local ideal para as elites encontrarem lazer, passearem com seus cachorros e aproveitarem seus dias ao sol. Enquanto isso, novamente ocorre uma tentativa a marginalizar os grupos socialmente oprimidos.

Através dos casos apresentados neste capítulo, é possível chegar em algumas percepções. A primeira é que a Avenida Hercílio Luz, desde antes de sua criação, é um território em disputa. Nela, ocorrem historicamente tensionamentos entre as ocupações urbanas de classes socialmente marginalizadas e a elite florianopolitana. Uma das principais ferramentas de consolidação discursivo-ideológica da dominação social das classes mais abastadas, é através de grandes obras de enobrecimento urbano. Além disso, estes eventos são cíclicos, desencadeados a partir dos tensionamentos decorrentes das disputas por territórios.

Dois destes ciclos de renovação urbana foram apresentados no presente capítulo. O primeiro foi a canalização do Rio da Bulha e a construção da Avenida do Saneamento, finalizada em 1922. O segundo foi a cobertura do Rio da Bulha, finalizada em 2008. No próximo capítulo, analisam-se algumas das ocupações urbanas mais recentes, que parecem estar desencadeando uma construção discursiva a favor de uma nova revitalização da Avenida Hercílio Luz. É o que veremos a seguir.



4. SEGUNDO ATO: A HIGIENIZAÇÃO SOCIAL NOS ANOS RECENTES, CONFLITOS DE USO E APROPRIAÇÃO POPULAR

Após o vetor de crescimento da cidade se direcionar para além do Morro da Cruz, levando com ele os investimentos públicos, a região a leste da Praça XV (Setor Leste) ficou abandonada. A deterioração de sua infraestrutura, junto com imóveis subutilizados ou ociosos, e a presença de pessoas em situação de rua, geravam uma constante sensação de insegurança a quem caminhasse por lá. Em entrevistas feitas pelo LabUrb/AMA, da Universidade Federal de Santa Catarina, frequentadores do Setor Leste confirmaram esta percepção, retratando a região como abandonada e insegura (CHIBIAQUI e NÓR, 2020).

Assim, após negligenciar por anos o Setor Leste, o estado iniciou a revitalização urbana do centro fundacional através de intervenções pontuais nessa área, ao longo dos anos (CHIBIAQUI e NÓR, 2020). Dessas intervenções, podemos citar a finalização da cobertura do Rio da Bulha (2008), revitalização do Mercado Público (2013), reformas da Casa da Alfândega, restauração do Museu Victor Meirelles (2019), entre outros.

Paralelo a isso, Florianópolis vinha se estabelecendo como polo de inovação e empreendedorismo, com vocação para a inovação, sediando empresas de grande impacto e sendo reconhecida como cidade do futuro. Por conta dessa nova atividade econômica, a prefeitura apresentou em 2015 o Centro Sapiens, projeto com intuito de fomentar a economia criativa e tecnológica e revitalizar o Setor Leste (GASPAR, MENEGAZZO, et al., 2017).

Enquanto estas articulações estatais aconteciam, a cidade continuava a se transformar. A partir de 2017 o número de estabelecimentos de uso noturno aumentou paulatinamente, com a abertura de bares voltados para o público jovem na rua Victor Meirelles, perpendicular à Avenida Hercílio Luz. Com a abertura do Madalena Bar, em outubro de 2018, esse movimento ganhou ainda mais força, fazendo a rua ser o novo ponto de encontro da juventude florianopolitana. Isso também alavancou o movimento de bares já existentes na região, como o Rio's Bar, localizado na Avenida Hercílio Luz.

O que começou como uma nova forma de ocupação de um território centenário, se transformou em uma disputa de território. Por volta de agosto de 2019 a Avenida Hercílio Luz passou a ser ocupada por jovens periféricos na festa de funk "Baile do Madalena", cujo nome marca a relevância do Madalena Bar no contexto do Setor Leste. Com isso, se iniciaram os conflitos entre frequentadores da região com a polícia, que usava da força para reprimir quem usava o espaço.

A pandemia de COVID-19, iniciada em março de 2020, suspendeu esses embates por conta do isolamento social necessário para diminuir o contágio da população. Com a chegada das vacinas e a flexibilização das medidas protetivas, os espaços urbanos voltaram a ser ocupados, e com a Avenida Hercílio Luz não foi diferente. Contudo, as disputas desse território passaram a ocorrer de outra forma, com outros agentes e outros usuários do espaço.

Todos os fatos acima citados mostram a disputa vigente nesse território, onde o debate fica mais uma vez em torno da cidade real e da cidade que a burguesia almeja. Dessa forma, a análise subsequente busca investigar essa disputa através de dois pilares: usuários do espaço urbano e conduta policial. Essa análise foi feita através de matérias de jornal

disponibilizadas online, visitas a campo e entrevistas feitas pela autora do trabalho.

As matérias de jornal foram selecionadas através da busca pelas palavras-chave a seguir: Avenida Hercílio Luz conflito, Avenida Hercílio Luz polícia, Avenida Hercílio Luz barulho, Avenida Hercílio Luz festa, e Baile do Madalena.

As visitas a campo foram feitas em cinco dias distintos, uma no período da manhã, uma no período da tarde, e três à noite. Ainda, três visitas foram feitas em dia de semana, e duas foram feitas no fim de semana. Nas visitas, buscava observar as dinâmicas entre as pessoas e o espaço, procurando perceber semelhanças e diferenças em cada trecho da avenida.

As entrevistas foram feitas na Avenida Hercílio Luz, com pessoas que estavam utilizando o espaço para passagem, descanso ou em algum estabelecimento comercial. Os entrevistados foram classificados em três categorias: morador, comerciante e frequentador, sendo que alguns entrevistados se enquadravam em mais de uma categoria. As entrevistas foram feitas em quatro ocasiões, no período da tarde e da noite.

Ao todo foram entrevistadas 13 pessoas, sendo sete mulheres, cinco homens e uma pessoa queer³. Dessas treze pessoas, três eram moradores da Avenida Hercílio Luz, três eram comerciantes e sete eram frequentadores. Entre moradores e comerciantes, foram entrevistadas duas mulheres e um homem. Já entre os frequentadores, foram entrevistadas três mulheres, três homens e uma pessoa queer.

Dos três moradores, dois também frequentavam estabelecimentos da avenida. Todos os três comerciantes entrevistados também frequentavam a avenida fora do horário de trabalho, e um deles também morava na região, na rua Tiradentes. Por conta do diminuto número de entrevistados, será feita uma análise qualitativa dos dados obtidos nas entrevistas.

³ Queer, termo em inglês que em tradução literal significa “não convencional” ou “estranho”, é uma palavra que designa os grupos cujos gêneros e sexualidades não se encaixam no padrão heterocisnormativo. Retomando o trabalho de Müller (2022), pode-se fazer um paralelo de queer com o termo desviante.

A partir disso, foi feita uma nuvem de palavras para cada uma destas fontes de informação, buscando entender através dessa ferramenta qual teor narrativo predomina em cada uma delas.

Na nuvem feita a partir das matérias de jornal, os termos com mais repetição foram: Hercílio Luz, mesas, polícia militar, carnaval, alvará, público e ocupação. A partir disso, é possível perceber um enfoque nos conflitos socioespaciais, entre o estado e quem ocupa o espaço público.

Na nuvem feita a partir das entrevistas, os termos com mais repetição foram: rua, bares, noite, polícia, abordagem, moradores, segurança e barulho. Assim, percebe-se que o uso noturno e a atividade policial são temas centrais para os entrevistados. Além disso, também é possível notar a relevância do Madalena Bar, pois foi muito citado pelos entrevistados.

E por último, na nuvem feita a partir das notas feitas nas visitas a campo, os termos com mais repetição foram: bares, rua, central, esquina, mesas, trecho e canteiro central. Através dessas repetições, percebe-se a relevância da morfologia urbana para a autora, e também do uso noturno do espaço.

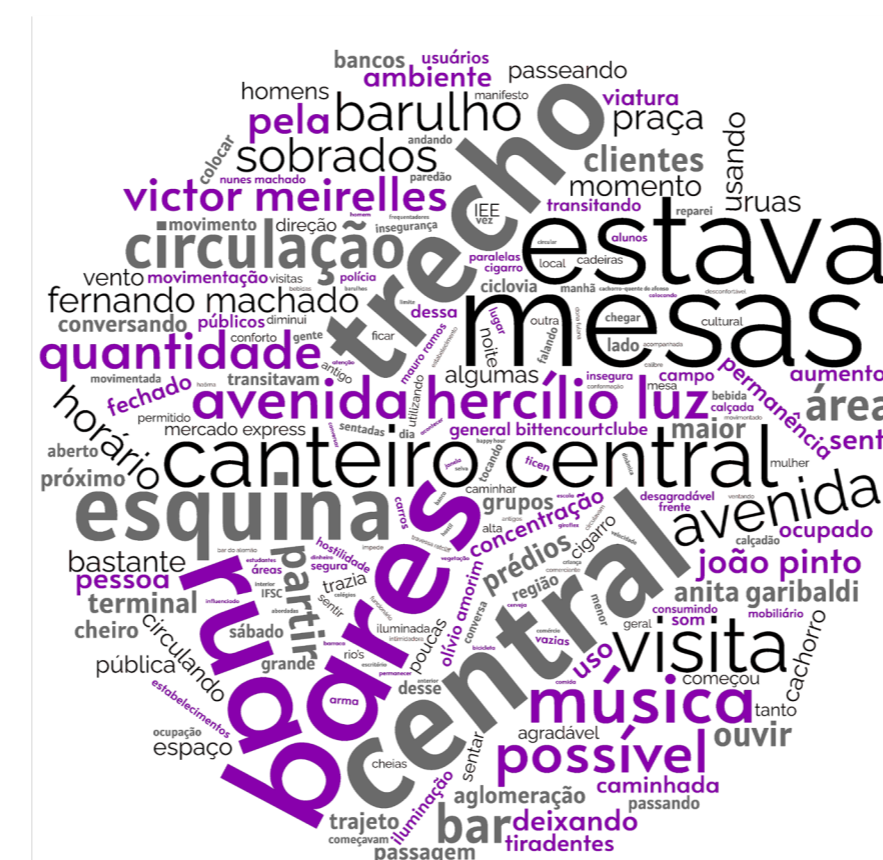


Figura 19: nuvem de palavras dos registros de visita a campo. Imagem elaborada pela autora.



Figura 17: nuvem de palavras das matérias de jornal analisadas. Imagem elaborada pela autora.



Figura 18: nuvem de palavras das entrevistas feitas. Imagem elaborada pela autora.

MATÉRIAS DE JORNAL PRÉ-PANDEMIA

Com sete bares, rua Victor Meirelles torna-se reduto de jovens na noite de Florianópolis

Em apenas duas quadras, sete bares disputam a frequência de estudantes, artistas e pessoas ligadas à arte e à cultura

Ocupação da Hercílio Luz coloca moradores e frequentadores de bares em lados opostos

Avenida tende a ganhar ares de boulevard e provoca a ira de quem não concorda com a ocupação do passeio público. Moradores se instalam para beber e tagarelar quando a festa começa.

Insegurança, sujeira e baderna preocupam área leste do centro histórico de Florianópolis

Instituições públicas e da sociedade civil se reúnem para encontrar soluções

Músicos são feridos por balas de borracha disparadas pela PM em festa em rua em Florianópolis

Polícia Militar disse que fez "uso progressivo da força" e inquérito policial militar foi aberto nesta segunda.

Ações devem ajudar a diminuir problemas após festas noturnas no Centro de Florianópolis

Aumento do policiamento, proibição de estacionamento e fiscalização de ambulantes são medidas que devem ser tomadas. Moradores reclamam do barulho e sujeira no local.

Mulheres denunciam violência policial em carnaval de rua de Florianópolis

Figura 20: colagem com o título das matérias de jornal sobre a Avenida Hercílio Luz pré-pandemia. Imagem elaborada pela autora.

MATÉRIAS DE JORNAL PÓS-PANDEMIA

AVENIDA HERCÍLIO LUZ

Após atuação polêmica em bares no Centro de Florianópolis, PM se explica

Grupo denuncia criminalização do carnaval de rua na capital

Festa foi encerrada e bares fechados pela polícia Militar durante o fim de semana

Polêmica sobre uso de mesas e cadeiras na Hercílio Luz chega a um desfecho; entenda

Ocupação do canteiro da Hercílio Luz voltou a ser discutido após ação da Polícia Militar na última semana

Avenida Hercílio Luz pode virar a Champs-Élysées manezinha

Figura 21: colagem com o título das matérias de jornal sobre a Avenida Hercílio Luz pós-pandemia. Imagem elaborada pela autora.

4.1. USOS, USUÁRIOS E CONFLITOS PRÉ-PANDEMIA

Antes de 2017, a Avenida Hercílio Luz tinha uma vida noturna pacata, com alguns bares espalhados pela sua extensão, que eram frequentados por clientes fiéis no happy hour.

Com o início do movimento de abertura de novos bares na região houve um grande aumento de frequentadores na região, com a adesão do público jovem aos novos bares, e os estabelecimentos “instagramáveis” tem um grande apelo a eles.

A abertura do Madalena Bar, em outubro de 2018, foi um acontecimento de grande relevância para o crescimento da vida noturna na área de estudo. A maior parte dos entrevistados relataram começar a frequentar a região por conta deste bar, incluindo a autora deste trabalho.

Em 24/02/2018, quando o uso noturno da rua Victor Meirelles ainda se consolidava, foi publicada uma matéria no jornal ND+ que noticiava o conflito entre moradores da Avenida Hercílio Luz e público frequentador dos bares da avenida. Na matéria, alguns moradores reclamam da ocupação do canteiro central por mesas, cadeiras e bandeiras de propaganda, pois esses itens impediriam a circulação das pessoas nesse espaço. Do outro lado estão os comerciantes da região, que alegam um aumento da segurança de seus comércios, pois o aumento de pessoas transitando por ali diminuiu o número de assaltos na área de estudo. Na matéria, donos de bares já relatavam cuidado com o volume do som e respeito com o horário de fechamento, às 00h. Junto disso, um membro da prefeitura relatou que esse tipo de ocupação é positiva para a cidade, trazendo dinamismo e segurança para a área. Ainda, conta que a prefeitura busca levar essa dinâmica para outras partes da cidade, e regulamentar onde a dinâmica já existe de forma espontânea. Também há o relato do porteiro de um dos prédios do paredão, que observa os moradores costumam descer de seus apartamentos para aproveitar o canteiro central da avenida, além de relatar a venda de drogas na região depois do Clube Doze de Agosto (SCHMITZ, 2018).

Um ano depois, é possível notar a mudança no perfil dos usuários. Numa matéria de 03/05/2019, o colunista Leonardo de Abreu comenta o novo ponto de encontro da cidade, citando os bares da região e descrevendo seu público. O texto cita os bares No Class, Janelinha e Madalena, contando inclusive o gasto médio dos clientes do primeiro bar citado, que ficava entre 80 e 100 reais. Sobre os frequentadores, o colunista conta que “sete bares disputam a frequência de estudantes, artistas e pessoas ligadas à arte e à cultura”. Também aponta que, nos momentos de maior movimento, a rua fica totalmente tomada pelas pessoas. A matéria descreve de forma positiva a ocupação do espaço público, enaltecendo o novo ponto de encontro descolado de Florianópolis. Fica claro que o público desses bares era composto por jovens de classe média por conta do valor citado como o gasto médio de um dos bares, entre 80 e 100 reais.

Em agosto do mesmo ano, três meses depois da publicação da matéria acima, foi possível notar uma mudança significativa na abordagem da mídia sobre o uso noturno desse espaço público. Em outra matéria, o jornal ND+ descrevia o alvoroço que acontecia no Setor Leste, “quando a região deixa de ser palco de um agradável happy hour e passa a ser um suplício para moradores e proprietários de comércio” (LUZ, 2019). A reportagem relata que após o fechamento dos bares, às 2h da manhã, a Avenida Hercílio Luz e a rua Victor Meirelles passavam a ser usadas para festas a céu aberto, com “milhares de pessoas nas ruas com som alto, bebidas, brigas, drogas e muito lixo deixado nas calçadas” (LUZ, 2019). Comerciantes relataram que por conta desses acontecimentos, seus clientes deixaram de frequentar os estabelecimentos, causando diminuição do faturamento. Além disso, as festas também geravam uma grande quantidade de lixo na rua, cerca 1,5 tonelada. Junto dessa matéria, foram encontradas outras que abordavam esse conflito, além de uma reportagem veiculada em um telejornal local.

Os relatos feitos na matéria são típicos de festas grandes sem segurança, como o carnaval de rua. Nesses eventos de lazer é comum ter som alto, e consumo de bebidas, o que inclui brigas e venda de drogas, além do lixo deixado nas ruas. É nítido o incômodo que isso gera para quem está no entorno, tanto para moradores quanto para comercian-

tes, mas é algo que já está inserido na nossa sociedade. Então por que esta ocupação do território era tão criticada?

Ainda na matéria acima citada, o então presidente da Comcap citou que, entre o que estava acontecendo, o problema maior eram “as várias ‘tribos’ que ocupam esses espaços” (LUZ, 2019) insinuando que os usuários do local eram o real problema. O artigo não aprofunda esse depoimento nem apresenta as tribos citadas, o movimento que acontecia ali era o Baile do Madalena, fluxo⁴ feito por jovens periféricos.



Figura 22: fluxo do Baile do Madalena. Fonte: Instagram @bailedomadalena

⁴ Fluxo é o termo usado para descrever festas feitas em vias públicas, com grande número de pessoas, onde o gênero musical ouvido é o funk (FILHO, 2021).

O Baile do Madalena era uma festa que surgiu de forma espontânea após o carnaval de 2019, acontecendo na rua Victor Meirelles, na frente do Madalena Bar, e se espalhando pela Avenida Hercílio Luz. A festa acontecia no fim de semana, e a cada edição o número de frequentadores aumentava, chegando a 5 mil pessoas, segundo levantamento da PM (CALDAS, 2019).

O baile era frequentado e organizado por jovens periféricos, chavosos⁵, em sua maioria negros, e nele as pessoas levavam caixas de som que só tocavam funk. Para esses jovens, o funk não é apenas um ritmo musical, é também forma de expressão e identificação. O Baile do Madalena também se tornou uma identidade a nível local, com sua presença extrapolando os limites da Avenida Hercílio Luz. A presença online acontece no Instagram e no Twitter, com nome de usuário @bailedomadalena, onde se divulgava o horário de início do baile. Na conta do Twitter há a divulgação de um evento feito conjunto pelo Baile do Madalena e uma casa noturna, mostrando a relevância do baile na cena noturna da cidade. Além disso, uma música foi lançada por um funkeiro local, MC Alysson, com título “Baile do Madalena”, onde o evento é citado. No meu entendimento, essa é a confirmação da grandeza do baile, confirmando-o como marco cultural para os seus frequentadores.

A ocupação desse território por jovens negros e periféricos passou a incomodar a elite florianopolitana, levando a retomada da higienização social, como já havia acontecido na construção da Avenida Hercílio Luz.

Nesse período, os embates entre a polícia e a população eram frequentes. No dia 24 de agosto de 2021, houve disparos de bala de borracha para expulsar quem estava no Baile do Madalena (GUIMARÃES, 2019). Alguns meses depois, no carnaval de 2020, outro relato de violência policial veio à tona, quando seis jovens foram insultadas e agredidas por agentes da PM-SC (WANDELLI, 2020). É importante notar que os casos de violência policial não foram noticiados por grandes veículos da mídia, e sim por veículos alternativos como o Portal Catarinas.

⁵ Chavoso é a nomenclatura dada para um tipo de vestimenta usada por jovens de periferia (FILHO, 2021). Esse visual tem alguns elementos clássicos, como o óculos Juliet, tênis Nike Shox, além de correntes de prata no pescoço.

Dessa vez a higienização social aconteceu através da repressão policial, que com os conflitos entre frequentadores do baile e a polícia, enfraqueceram o movimento. A partir desses conflitos com a polícia a frequência que o Baile do Madalena acontecia diminuiu, chegando ao fim com a pandemia de COVID-19.



Figura 23: fluxo do Baile do Madalena. Fonte: Instagram @bailedomadalena

4.2. USOS, USUÁRIOS E CONFLITOS PÓS-PANDEMIA

Com a flexibilização das medidas protetivas, a atividade boêmia da Avenida Hercílio Luz e das ruas próximas voltou a acontecer, e houve uma mudança perceptível no público que frequenta essa área. O Baile do Madalena não voltou a acontecer, mas grupos socialmente marginalizados continuam a frequentar a região, ainda que em menor número. Nas visitas a campo, foi possível perceber que cada ponto de aglomeração tinham um perfil de usuários, na avenida e nas ruas paralelas a ela, como veremos mais adiante no texto.

Depois desta segunda higienização social, a área de estudo continua sofrendo com um policiamento ostensivo, mas durante as visitas a campo e análise das matérias de jornal ficou clara a mudança de abordagem da polícia.

No carnaval de 2022, a prefeitura de Florianópolis permitiu apenas eventos privados para a comemoração da data, proibindo blocos de rua e desfiles de escola de samba, para evitar aglomeração em locais públicos. Por si só, essa proibição é uma forma de elitizar o carnaval, impossibilitando os cidadãos de menor renda de aproveitarem uma das festas populares de maior relevância do país.

Além disso, a Polícia Militar fez operações na Avenida Hercílio Luz durante o feriado, também com o intuito de proibir o carnaval de rua. Nessas operações, a corporação fiscalizou o alvará dos bares, proibindo a venda de bebidas para clientes que estivessem fora dos estabelecimentos para impedir a ocupação do canteiro central. Após a operação da sexta-feira de carnaval (25/02) repercutir de forma negativa nas redes sociais, o prefeito de Florianópolis se pronunciou afirmando que não havia ordenado as operações, e na verdade apoia o uso do canteiro central (REDAÇÃO DIARINHO, 2022). Em nota, a PM-SC alegou seguir os direcionamentos dados por secretarias da prefeitura, em reuniões feitas para discutir a conduta desses órgãos durante o feriado. Também alegou que, nas operações, fiscalizou o alvará dos estabelecimentos e orientou que atua-

sem de acordo com as atividades determinadas no documento (IGOR, 2022). A declaração do então prefeito de Florianópolis demonstra uma preocupação excessiva com a opinião pública, pois as deliberações feitas antes das operações policiais determinavam a repressão dos eventos de rua, mudando de posicionamento apenas quando a população manifestou reprovação a atividade policial. Já a declaração da Polícia Militar foi clara, explicando as determinações que nortearam a intervenção, mas não deram detalhes de como as operações aconteceram.

Um dos entrevistados estava presente na Avenida Hercílio Luz na sexta-feira de carnaval, no bar Manifesto Cultural, e contou sobre a conduta da polícia na operação feita nesse dia. Ele relatou que o estabelecimento não tinha nenhuma irregularidade, estava com o alvará em dia, não tinha mesas nem caixa de som na rua. No momento da abordagem estava acontecendo um show de drag queen no bar, e mesmo estando com toda a documentação necessária em dia, a polícia ordenou o desligamento do som. Como o uso do canteiro central pelos bares é algo recorrente, fica nítida que a intenção da polícia com essas operações era apenas reprimir o carnaval de rua.

Este entrevistado também relatou uma abordagem policial ocorrida em dezembro de 2021, por volta das 21h, a viatura da PMSC passou pelo meio da rua Victor Meirelles, jogou spray de pimenta em quem ocupava a rua, fechou o vidro e seguiu. Em uma conduta sádica, a polícia intoxicou cidadãos que não ofereciam nenhum tipo de risco ao seu entorno, abusando de seu poder e violentando a população que devia proteger.

Através desses depoimentos, foi possível identificar a nova conduta padrão da polícia na Avenida Hercílio Luz. Se antes da pandemia o modus operandi da instituição era a violência policial, após a flexibilização de medidas protetivas a polícia reduziu drasticamente o uso de força. A utilização de violência jurídica e intimidação policial passaram a ser a conduta padrão na área. Ainda assim, casos de violência policial ainda acontecem, mesmo que em menor frequência.

Entre os entrevistados, todos os frequentadores relataram ficar intimidados com a presença da polícia na região. Alguns ainda contaram que na verdade a presença policial traz insegurança a eles, por conta da conduta violenta já citada, que alguns dos entrevistados presenciaram.

Uma das entrevistadas, que é comerciante, frequentadora e moradora da região, também se queixou da forma que as rondas são feitas por conta do tom ameaçador, inclusive exibindo armas para intimidar a população. Na visita a campo feita sexta-feira à noite, dia de maior movimento do Setor Leste, presenciei essa conduta policial. A viatura policial transitava pelas ruas com o giroflex ligado, fazendo a ronda normalmente, até que perto das 23h30 o veículo passou com todos os vidros abertos, e foi possível ver os policiais segurando fuzis apontados para a rua. Novamente a polícia adota uma atuação opressora, reprimindo a população por ocupar a rua, um espaço de todos.



Figura 24: viatura da PM-SC fazendo patrulha na Avenida Hercílio Luz. Foto tirada

Dos 13 entrevistados, 11 frequentavam a Avenida Hercílio Luz para lazer, incluindo os três comerciantes e uma moradora da região. Dez desses frequentadores contam que a atividade noturna traz mais segurança a região, e que se sentem mais seguros com o movimento de pessoas na rua.

Os outros dois entrevistados eram moradores da região que não frequentavam a avenida para lazer no período da noite. Ambos reclamaram do barulho feito pela ocupação da rua, e da falta de segurança na região. É possível notar uma inflexibilidade dos moradores e a desaprovação do uso noturno da Avenida Hercílio Luz. Apesar dessa postura, essas duas atividades podem e devem coexistir, como está determinado no Plano Diretor de Florianópolis. Boa parte da área de estudo é classificada como “Área Mista Central”, que permite a alta densidade de uso do solo e mescla dos usos residenciais, comerciais e de serviços. Sobre a alegação de falta de segurança, deduz-se que estes entrevistados têm essa impressão por não frequentarem a avenida à noite, pois, como já foi citado neste trabalho, a área tem um policiamento ostensivo nesse período.

Nas visitas a campo feitas no período noturno, foi possível perceber que cada ponto de

aglomeração tinha um perfil de usuários, na Avenida Hercílio Luz e nas ruas paralelas a ela.

Na parte de uso misto e bares (MAPA 03), os usuários eram em sua maioria da Geração X ou Millennials, e pareciam ter saído do trabalho direto para o bar. Suponho isso por conta do horário de maior movimento desses bares, que é entre às 20h e às 22h, e pelas vestimentas dos usuários, que eram roupas básicas do dia a dia.

Na Rua Victor Meirelles a maior parte dos usuários é Millennial, e não vem direto do trabalho. Essa percepção se dá pelo horário do aumento de usuários, a partir das 22h, e pelos looks mais elaborados. Notei que essa rua tinha a maior concentração de pessoas negras, em sua maioria chavosos. Notei que eles não ficavam no meio da maior concentração de pessoas, e sim mais nas bordas dos espaços ocupados, com caixas de som tocando funk, vindo daí a maior parte da música que se escuta na rua.



Figura 25: rua Victor Meirelles no período noturno. Foto tirada pela autora.

MAPA 03: ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DE PESSOAS E PRINCIPAIS BARES

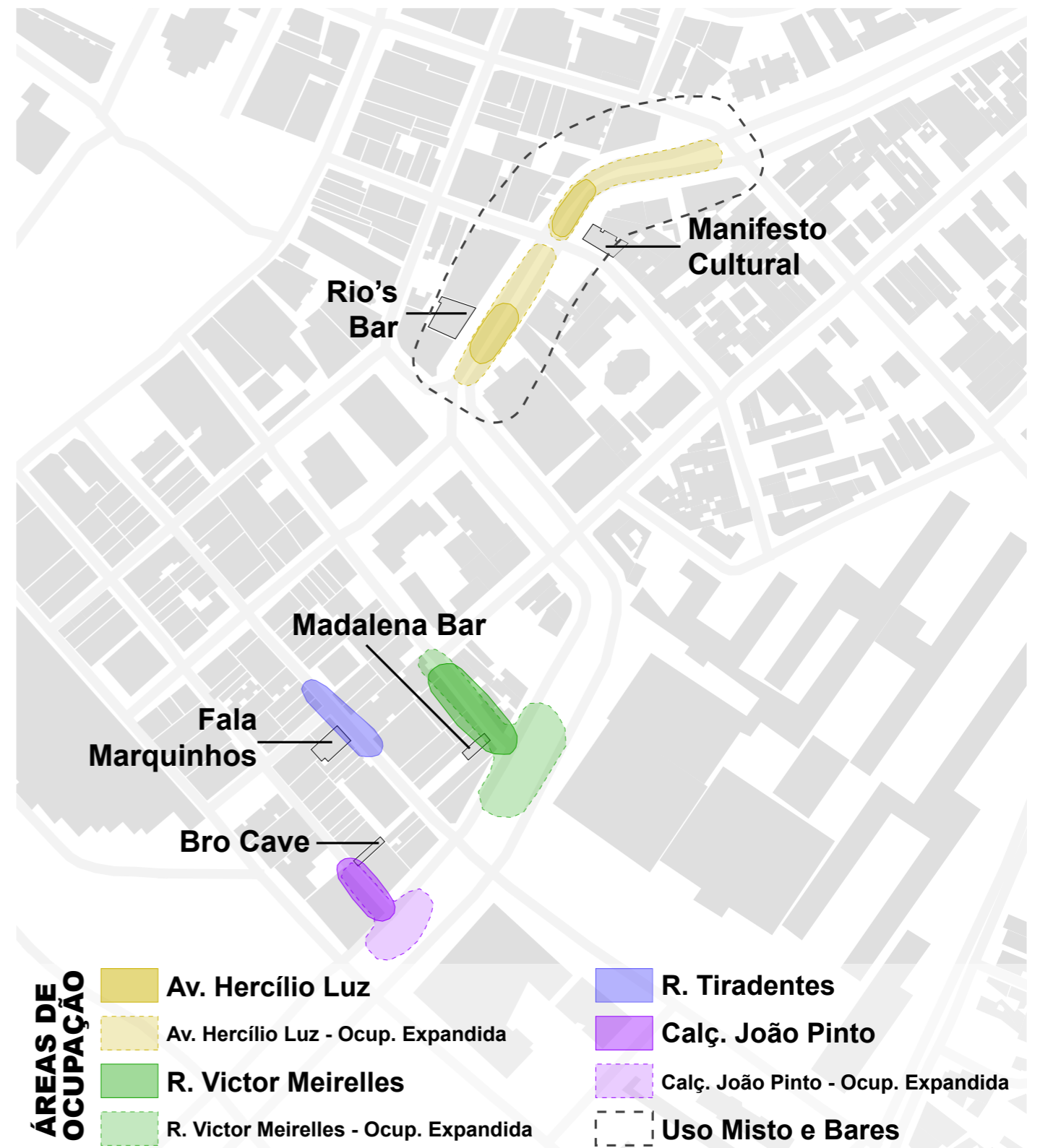




Figura 26: rua Tiradentes no período noturno. Foto tirada pela autora.

A rua Tiradentes tinha usuários com perfil parecido com o da Victor Meirelles, com aumento da frequência a partir das 22h e looks mais elaborados, mas com a faixa etária um pouco mais baixa, já com algumas pessoas da Geração Z. Estes sujeitos estavam concentrados no meio da quadra, próximos à travessa Ratcliff. Nessa região está a maior parte dos bares da rua Tiradentes, tais quais o Fala Marquinho, o Gatu's e o Canto do Noel.

Na região da Rua Tiradentes mais próxima à Av. Hercílio Luz, foi possível notar a presença de homens gays e bissexuais mais velhos. Segundo relato de uma usuária da região, estes homens estavam se direcionando a uma boate gay chamada Jonas Bar, frequentada massivamente pela comunidade ursina⁵. Ela relatou que a boate funcionava na Rua Francisco Tolentino, mas com a efervescência cultural da área da Hercílio Luz, o dono resolveu mudá-lo para a Rua Tiradentes.

⁵ Segundo Müller (2022, p. 42), "Ursino é um termo relativo a um segmento da comunidade gay denominada ursos. Este termo foi criado para descrever o tipo físico destes homens que, dentre outros indicadores, geralmente (embora não necessariamente) são corpulentos, possuem pelos e barba."



Figura 27: rua Tiradentes no período noturno. Foto tirada pela autora.

Já no Calçadão João Pinto temos uma mudança significativa de usuários. Aqui a faixa etária predominante é da Geração Z, com poucos Millennials usando o espaço. As pessoas usavam roupas da estética emo, que voltou a ser adotada pelos adolescentes recentemente. Aqui também levaram caixa de som, com funk tocando alto. Reparei que, mesmo estando em menor quantidade de pessoas, aqui os chavosos estavam no meio do rolê, e não na borda das aglomerações. Segundo relato de uma das entrevistas coletadas, uma moradora, comerciante e frequentadora do local fala que o barulho do Calçadão é o mais incômodo da região, pois parte das pessoas que fica na rua mantém as caixas de som ligadas, por vezes, até as 5h da manhã.

O calçadão da Avenida Hercílio Luz tem usuários que seguem o padrão de usuários de suas ruas paralelas: millennials e chavosos perto da Victor Meirelles, geração z e chavosos perto da João Pinto. O trecho entre a Victor Meirelles e a João Pinto tinha uma ocupação mais espaçada pois a aglomeração na Tiradentes acontece no meio da quadra, ficando distante da avenida e diminuindo a conexão entre esses dois fluxos de pessoas.



Figura 28: Calçadão João Pinto no período noturno. Foto tirada pela autora.

Em comparação ao momento pré-pandemia, quando ocorria o Baile do Madalena e os fluxos organizados dos chavosos, houve uma diminuição considerável no número de pessoas negras frequentando esse espaço urbano, levando a conclusão de que a higienização social foi (ao menos parcialmente) bem-sucedida. Com essa alteração de público, a postura da mídia em relação a ocupação das ruas à noite também mudou. Em matéria para a NSC, o colunista expõe a intenção da prefeitura em transformar a Avenida Hercílio Luz em uma alameda, o que “retoma ao projeto original inspirado na Champs-Élysées” (IGOR, 2022).

Nessa declaração, vemos a volta do discurso usado na construção da Avenida Hercílio Luz, quando buscava-se mimetizar um ideal moderno replicando uma tipologia urbanística estrangeira, esperando que essa mimetização solucionasse todos os problemas da sociedade. Nesse contexto, é possível reparar mais uma vez que a construção discursiva visa higienizar o espaço público. Novamente se toma o urbanismo higienista como inspiração, onde os melhoramentos urbanos planejados continuam a não incluir pessoas negras, levando à expulsão destas.

Ao longo deste capítulo, pudemos entender como a Avenida Hercílio Luz, em especial o recorte territorial mais próximo ao Instituto Estadual de Educação, ao longo da última década foi se tornando um polo atrativo à juventude florianopolitana. Isso ocorreu por conta da vida noturna efervescente proporcionada pelos bares e boates ali abertos. Antes da pandemia, era possível observar embates entre os jovens, principalmente os chavosos, funkeiros e em grande parte negros, e a polícia. Com o surgimento da pandemia, a vida noturna teve que ser interrompida, e a festa de rua chamada Baile do Madalena perdeu força.

Depois da pandemia, no momento de reabertura já se vê uma ocupação muito mais higienizada, na qual a maior parte dos frequentadores da região são pessoas brancas e de classe média. Sendo assim, conclui-se que a Avenida passou novamente por um processo de higienização, motivado por um ideal europeizado de o que deve ser a cidade. Lembremos, então: estes processos são cíclicos, consolidam-se e desconstroem-se ao longo dos conflitos pelos direitos de ocupar os espaços urbanos.

5. CONCLUSÃO

Como foi possível atestar no decorrer deste trabalho, a Avenida Hercílio Luz sempre influenciou nas dinâmicas urbanísticas e sociais de Florianópolis. No início do assentamento de açorianos nesse território, o então Rio da Fonte Grande direcionou o sentido da ocupação do solo para o seu entorno, por ser uma fonte de água.

No início do século XX, ex-escravizados e pessoas negras libertas passaram a ocupar massivamente este território. A apropriação da região por pessoas marginalizadas passou a incomodar as elites florianopolitanas, gerando uma disputa de narrativa e de território. Nessa disputa, quem saiu ganhando foi a elite com a construção da avenida, que representava uma suposta modernidade para a pacata capital catarinense.

Com a diminuição de investimentos públicos no centro fundacional, pessoas marginalizadas voltaram a ocupar o espaço. Mas, a partir dos anos 1970, quem passou a ocupar a região eram pessoas consideradas desviantes ao padrão determinado pela sociedade normativa. Essa nova apropriação voltou a incomodar as elites florianopolitanas, que responderam a esse movimento com o discurso da necessidade de revitalização da área, que se concretizou com a cobertura total do Rio da Bulha em 2008.

Já em 2018, uma nova efervescência cultural trouxe novamente à tona as disputas territoriais, por conta da ocupação noturna da avenida. Com essa efervescência, vários públicos passaram a ocupar a avenida para lazer. Um desses grupos era composto por chavosos, jovens periféricos que organizavam fluxos no canteiro central da Avenida Hercílio Luz. Esse tipo de ocupação, feita por uma população marginalizada, em geral de baixa renda e em grande parte negra, causou o aumento do policiamento ostensivo na região, com episódios de violência policial. O processo, que se apoia em um discurso de manutenção da ordem pública, parece ser um projeto de manutenção da ordem social vigente, novamente expulsando a população marginalizada da área de estudo. Essa dinâmica foi interrompida pela pandemia de COVID-19, e quando as atividades noturnas voltaram a acontecer, foi observada a diminuição de jovens vindos das periferias. Assim, conclui-se que ao menos em parte, o processo de exclusão urbana desta população socialmente oprimida obteve sucesso, em mais um ciclo de higienização da avenida.

E assim é a Avenida Hercílio Luz desde sua fundação: um território em disputa, construindo-se e desconstruindo-se constantemente, afetada tanto pelas resistências dos sujeitos socialmente marginalizados que a ocupam, quanto pela construção midiático-discursiva que privilegia as elites florianopolitanas.

6. REFERÊNCIAS

ABREU, Leonardo D. Com sete bares, rua Victor Meirelles torna-se reduto de jovens na noite de Florianópolis. NSC Total, 03 maio 2019. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/com-sete-bares-rua-victor-meirelles-torna-se-reduto-de-jovens-na-noite-de-florianopolis>. Acesso em: 19 set. 2022.

CALDAS, Joana. Ações devem ajudar a diminuir problemas após festas noturnas no Centro de Florianópolis. G1 SC, 21 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/08/21/acoes-devem-ajudar-a-diminuir-problemas-apos-festas-noturnas-no-centro-de-florianopolis.ghtml>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CHIBIAQUI, André; NÓR, Soraya. Área central de Florianópolis: implicações do processo de revitalização. Oculum Ensaios, 2020. v. 17, e204356.

DOMINGUES, Giorgia D. M. "Mulheres-Homens" nas Fronteiras da Ordem. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 150. 2010.

FACCIO, Maria D. G. A. O Estado e a transformação do espaço urbano: a expansão do Estado nas décadas 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geociências, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 186. 1997.

FILHO, Kenyatta M. D. S. O funk paulista interdito: da crítica à criminalização de um gênero musical. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 106. 2021.

GASPAR, Jadhi Vincki et al. Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, 2017. v. 2, n. 4, p. 183-205, out-dez.

GUIMARÃES, Paula. Batalha das Mina há três anos na resistência à repressão em Florianópolis. Portal Catarinas, 23 dez. 2019. Disponível em: <https://catarinas.info/batalha-das-mina-ha-tres-anos-na-resistencia-a-repressao-em-florianopolis/>. Acesso em: 31 ago. 2022.

IGOR, Renato. Após atuação polêmica em bares no Centro de Florianópolis, PM se explica. NSC, 26 fev. 2022. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/renato-igor/apos-atuacao-polemica-em-bares-no-centro-de-florianopolis-pm-se-explica>. Acesso em: 30 ago. 2022.

IGOR, Renato. Avenida Hercílio Luz pode virar a Champs-Élysées manezinha. NSC, 16 maio 2022. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/renato-igor/avenida-hercilio-luz-pode- virar-a-champs-elysees-manezinha>. Acesso em: 29 ago. 2022.

LUZ, Andréa D. Insegurança, sujeira e baderna preocupam área leste do centro histórico de Florianópolis. ND+, 13 ago. 2019. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/inseguranca-sujeira-e-baderna-preocupam-area-leste-do-centro-historico-de-florianopolis/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

MÜLLER, Cristina B. Urbanidades Desviantes, Território Desviado: Mercado cor-de-rosa e gentrificação em um pedaço LGBTQIA+ no centro de Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília. 2022. A publicar.

NECKEL, Roselane. A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1920). Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

REDAÇÃO DIARINHO. Grupo denuncia criminalização do carnaval de rua na capital. Diarinho, 01 mar. 2022. Disponível em: <https://diarinho.net/materia/633204/Grupo-denuncia-criminalizacao-do-Carnaval-de-rua-na-Capital>. Acesso em: 03 set. 2022.

RUBINO, Silvana. Enobrecimento Urbano. In: LEITE, Rogerio P.; FORTUNA, Carlos Plural de Cidade: novos léxicos urbanos. Coimbra: Almedina, 2015. p. 25-40.

SANTOS, André L. Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 658. 2009.

SCHMITZ, Paulo C. Ocupação da Hercílio Luz coloca moradores e frequentadores de bares em lados opostos. ND+, Florianópolis, 24 fev. 2018. ISSN. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/ocupacao-da-hercilio-luz-coloca-moradores-e-frequentadores-de-bares-em-lados-opostos/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

SOUZA, Jéssica P. D. O plano diretor de 1952-1955 e as repercussões na estruturação urbana de Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 133. 2010.

VEIGA, Elaine V. D. Florianópolis: memória urbana. 3ª. ed. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.

WANDELLI, Raquel. Mulheres denunciam violência policial em carnaval de rua de Florianópolis. Portal Catarinas, 01 mar. 2020. Disponível em: <https://catarinas.info/mulheres-denunciam-violencia-policial-em-carnaval-de-rua-de-florianopolis/>. Acesso em: 29 ago. 2022.